

ANNO 2 Nº 55

PREÇO 400 R\$

P952

RUA NOVA



REFLECTINDO...

AJAX-SIX

O Automovel de linhas Impecaveis e aristocraticas

PREÇO RS. 11:000\$000

VENDAS A PRESTAÇÕES

Cla. Commercial e Maritima — Rua Bom Jesus 240

COMPANHIA ALLIANÇA DA BAHIA

— SE'DE NA BAHIA —

DIRECTORES :

Francisco José Rodrigues Pedreira — José Maria de Souza
Teixeira e Bernardino Vicente d'Araujo.

Capital e reservas conforme balanço
em 31 de Dezembro de 1925

26.500:000\$000

Sinistros pagos durante o anno de 1925

9.115:455\$930

Receita bruta em 1925

18.128:860\$548

A mais importante seguradora do Brasil
segura predios, mercadorias, moveis, officinas, fabricas,
usinas, engenhos, etc.

Faz toda classe de seguros maritimos de importação e
exportação.

Succursal em Pernambuco — Gerente Sigismundo Rocha—
avenida Rio Branco 144 (predio proprio)

Saboaria Parahybana

Seixas Irmãos & Cia.

— Parahyba do Norte —

A mais importante do paiz pela grande variedade e excellente qualidade de seus sabonetes e tambem pela sua enorme producção Os seus sabonetes são incontestavelmente os melhores, porque conservam authenticos, até o final, os perfumes nelles empregados E' a que produz maior variedade de sabonetes Perfumados e Medicinaes Recommendamos ás exmas. familias as seguintes marcas de sabonetes perfumados:

FELIPE'A — O idéal para as pessoas de fino gosto. Sabonete de luxo, typo francez, aroma sem rival.

EPITACIO PESSOA — Perfume agradávelissimo.

BILLA — Perfume de Agua de Colonia, sabonete oval e de preço razoavel.

GENTLEMAN — Sabonete finissimo, de grande reputação.

SANDALO — Sabonete grande, redondo, perfume Lavander, concentrado e muito aromatico.

ANGELITA — Perfume rosa, extra-fino, fabrico esmerado.

ORCHIDE'A — Delicioso sabonete, perfume Rainha das Flores.

SEIXAS — Perfume Flôr do Brasil é um sabonete que se impoz pela sua optima qualidade, comparada ao seu diminuto preço.

SONHO DAS NYMPHAS — Reclame da Fabrica, perfume delicioso e permanente. Custo diminuto.

PRINCESS — E' um ottimo sabonete, muito duravel, bem perfumado e a preço excessivamente commodo.

SANTAL — E' um sabonete de baixo preço; esta marca combaterá todas as semelhantes, devido ao seu agradável aroma, muito concentrado, presentando-se não só á mais fina "toilette",

como tambem para a barba. O seu uso equivale a um seguro reclame.

SABAO "JASPE" — em blocos de 150 grammas, consistente, economico e de superior qualidade.

TEMOS EM DEPOSITO OS SEGUINTEs:

SABONETES MEDICINAES

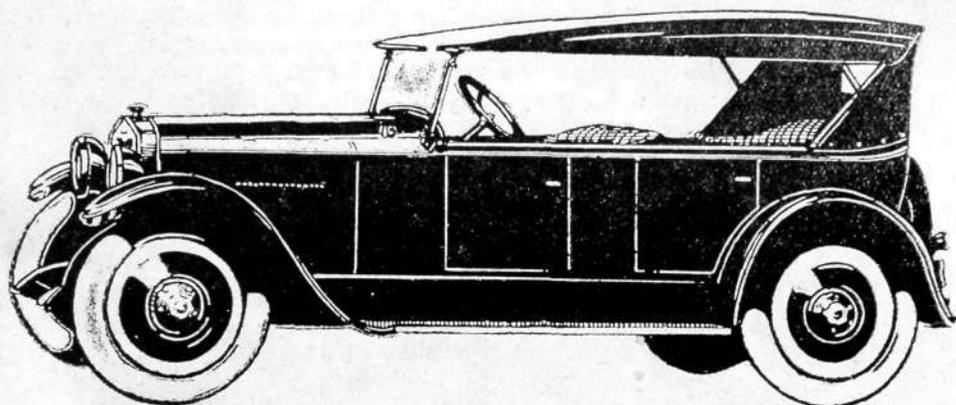
Fabrico esmerado por habil chimico. Maximo escrupulo nas dosagens dos medicamentos. Preços excessivamente commodos.

Alcatrão	10 %
Alcatrão e enxofre	10 %
Alcatrão e ichtyol	5 %
Enxofre	10 %
Ichtyol	1 %
Sublimado	1 %
Sublimado e ichtyol	1 %
Araroba	1 %
Araroba e ichtyol	1 %
Sublimado e resorcina	1 %
Phenicado	2 %
Lysol	4 %
Boricado	5 %
Sulphuroso	5 %
Sulphuroso e phenicado	6 %
Creolina	5 %

RECOMMENDAMOS:

SABAO "PROTECTOR", hygienico, carbolico, ottimo desinfectante, não prejudica a pelle.

AJAX-SIX



O "Plus ultra" dos automoveis pelo preço !!!

Pintura "Duco" — freio nas 4 rodas — acabado em couros legitimo — limpador de parabrisa automatico — espelho retroscopicos — uma roda sobressalente completa, ferramenta — tapetes, etc. etc.

Preço : — Rs. 11:000\$000

Vendas a prestações

Companhia Commercial e Maritima

240 — Rua do Bom Jesus — RECIFE

FABRICA ZENITH

DURÃES CARDOSO & CIA.

IMPORTADORES DE FARINHA DE TRIGO E ESTIVAS

Exportadores de assucar, cereaes, e café

Fabrica:

Escriptorio:

34 — Rua João do Rego, Ilha dos Carvalhos, 52, 218 e 221

TELEPHONE 147 — TELEPHONE 343

Telegramma: ZENITH

Codigos: RIBEIRO e BORGES

A Sorte quem dá
é Deus e
na loteria é a casa
MONTE DE OURO

Rua 1.^o de Março, 90

Rosbach Brasil

Company

NEW-YORK — PERNAMBUCO — BAHIA —

MACEIO' — PARAHYBA —

CEARA' — PIAUHY

EXPORTADORES

Pernambuco: — FABRICA DE OLEOS

OLEOS DE VERÃO E DE INVERNO, DE CAROÇO DE ALGODÃO

Rua Barão do Triumpho n. 466. — (Rua do Brum)

Caixa do Correio n. 109. — (Telephone n. 418)

End: Telegraphico — "ROSSBACH"

COMPRA: PELLAS DE CABRA,
CARNEIRO, VEADO, ETC., COUROS DE BOI

BORRACHA DE MANIÇOBA

MANGABEIRA ETC., CERA DE

CARNAU'BA, CAROÇOS DE

ALGODÃO

DUA-NOVA

PROPRIEDADE E DIRECÇÃO DE OSWALDO SANTIAGO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

SECRETARIO: Renato Vieira de Mello

GERENTE: Solon de Albuquerque

N. 55

RECIFE, 22 DE MAIO DE 1926

Anno 2.º

○ tempo estava mergulhado em escuridão. Uma treva avermelhada como se escorresse do altar em fios de purpura viva o sangue enfumaçado das victimas do holocausto.

Quando a vista se affez á treva, distinguu a um angulo a pallida, tenue claridade de uma lampada de oleo.

Em torno á chamma, a treva era ainda mais espessamente vermelha.

A chamma parecia uma amendoa de oiro que se offerecesse á fome da treva. E se furtasse á immensa bocca que se escancarava, para devora-la, bruxoleando, encurtando-se de um lado e crescendo de outro ao capricho do vento do exterior.

O vento negro, zimbrante, como acicates, entrava o ambiente com violencias de exicios.

A treva falava para a chamma doirada um poema de dôr, de anseio quasi humanos.

Ella queria ser.

A principio tudo fôra escuro, escuro como o nada absoluto. E fôra da treva que nascera a luz, como a substanciação fecunda do proprio anseio. E eternamente o mesmo phenomeno se viera realisando.

A treva abria os olhos apagados, em que jazia o embryo, a idéa mater de todo brilho, para sorver a chamma e fazela a pupilla preciosa de sua alma negra.

.....

E eu desejei para sobre o altar um throno em que sentasse meu proprio desejo, profundo, identico ao abysmal desejo que agitava a alma da treva.

Elle estenderia por sobre a treva seus braços longos e avidos que tudo constrangiriam, possuindo tudo.

E se tornaria a propria realisação.



HELOISA CHAGAS

Tiro pela culatra

As attitudes e o caracter dos homens encantam, quasi sempre, expressivas e significativas syntheses na sabedoria popular.

Os innumerables proloquios populares caracterizam e definem muitas das açoes humanas e seus effectos.

A's vezes — e é bom fazer a restricção — aconselham erradamente. E' o caso daquelle ríflão que diz: "em terra de cacos, de cocoras com elles". Esse d'ito envolve uma attitude pouco digna. De resto, elle decorre, naturalmente, das aspirações commodistas dos homens, aspirações que se vão accentuando dia a dia.

As palavras que servem de epigraphes a estas linhas, dizem em toda sua simplicidade os effectos contrarios das campanhas indignas.

Dizemos indignas, porque as luctas sustentadas em pró de uma causa nobre nunca sentem effectos oppostos. Quando muito ellas podem de xar de at-

tingir ao fim collimado, mas os seus resultados ficam como se fossem sementes a esperar uma época propicia á fructificação.

Temos actualmente em Pernambuco um exemplo bem frizante disso, na campanha difamatoria movida contra o benemerito governador do Estado.

E o mais interessante é que as injurias vomitadas contra o actual governo são canalizadas através de uma gazeta infecta que por uma incomprehensível fatalidade desemboca na cidade quando devia dirigir-se para a ilha do P. na. Pelo menos allteria um digno companheiro...

A gazetilha "juda ca" não perde ensejo de calumniar o governo. Procura systematicamente occultar os innumerables beneficios que o exmo. sr. Sargto Loreto tem espalhado por todo o Estado. E' de causar riso a preocupação dos desgarrados filhos da Judéa em apagar a aureola de benemerencia

que cerca a administração actual.

Mas, os obuzes de colvora secca da opposição não ligam o effecto desejado. Sahem pela culatra...

A sua teimosia recalcitrante e asnatica é antes um grito de recame das realizações do governo. Uma propaganda retumbante que são muito mal aos ouvidos dos estadistas de caracter recatado e constructor.

E o sr. governador é bem um deles. O seu alto tino de administrador não se compraz com os adjectivos gritantemente laudatorios. Ao contrario, prefere a modestia constructora que caracteriza os grandes homens.

Porisso, os tiros que diariamente o immundo jornal dispara pela culatra, ficam sem eco, ressoando no vacuo. Ao sr. governador bastam os elogios da imprensa honesta e dos homens sensatos.

NARCISO SILVARES,

MINHA NOITE DE INSOMNIA NO MUNDO DA TELA

*Passa a noite serena e o luar oscula os montes...
Que tristeza infinita anda por tudo, a errar!
Acabo de reler um livro de Hermes Fontes...
E ante a calma da noite eu me ponho a scismar...*

*Scismar é um gozo bom. Dilata os horisontes
De nossa evocação. Que bom é recordar!
Minhas recordações são exquísitas pontes
Que o meu Sonho constróe sobre o rio do Luar...*

*Mas este luar de gaze — luar de opala e seda —
Faz-me mdi... eu bem sei. Faz-me tristonho e tórvo
Quando aos versos me dá o amargor de Espronceda...*

*O Luar entaça a Noite. A Noite é uma mulher...
Há phantasmas ao luar... Edgard Poe traz um corvo...
E dança com Satan o poeta Baudelaire...*



Uma sympathica est ella da

"Paramount"

EMYGDIO DE MIRANDA

Poemetos em prosa

BAUDELAIRE

(Traducção)

O ESTRANGEIRO

— Homem exótico, que amas tu na vida, dize? Teu pae, tua mãe, tua irmã ou teu irmão?

— Não tenho pae nem mãe, nem irmã, nem irmão.

— Tens amigos?

— Preferiste um vocabulo cuja significação me é desconhecida.

— Tua patria?

— Ignoro em que latitude está situada.

— A belleza?

— Divindade immortal, eu a amaria profundamente.

— O ouro?

— Abomino-o, como abomino a Deus.

— E que amas, pois, estrangeiro enigmático?

— Amo as nuvens... as nuvens que passam... além... as maravilhosas nuvens!

MARINHA

Um porto é um logar fascinador para uma alma fatigada da lucta pela vida.

A amplidão do céu, o brotado caprichoso das nuvens, as colorações variadas do oceano, o scintillar dos pharóes, são um prisma maravilhosamente apropriado a enlevar a vista sem jámais entediá-la.

As formas delgadas dos navios, a mastreação excêntrica, ás quaes o marulhar imprime oscillações harmoniosas, fazem germinar no coração o amor á belleza e ao rythmo.

E, sobretudo, ha ahí uma especie de prazer aristocratico e mysterioso para aquelle que não tem ambição nem curiosidade, em contemplar, ouvindo a brandidora musica marinha, todos os movimentos dos que partem e dos que voltam, dos que têm ainda a força de querer, o desejo de viajar e conhecer os esplendores das outras terras extranhas...

Ocará.

SOUZA PINTO.

O LAMPEÃO SOLITARIO D' AQUELA RUA POBRE...

Ao Esdras Farias.

*Eu e minha saudade — no alto, a lua;
em baixo, á paz claustral das horas mortas—...
iamos tristes por aquella rua
de casas pobres e pequenas portas...*

*De subito, aos meus olhos, n'um recanto
da mesma rua vagabunda e escura
surgiu, como que envolto na umargura
este lampeão que nos meus versos canto...*

*Aproximei-me d'ele quasi a medo...
Ao longe chorava a alma de Chopin,
emquanto que o meu peito, n'um segredo,
cantarolava poemas de Samain...*

*"Pobre lampeão!... Humilde e solitario,
n'um recanto de rua miseravel,
exposto á chuva e ao frio inexoravel
cumpres, silencioso, o teu fadario!..."*

*Teu vulto negro, esguio e taciturno,
olhando o azul, braços em cruz, parece
um ser humano que, a um rumor noturno,
apavorado, ahí parasse, em prece...*

*Quadrangular, tua cabeça loura,
que o meu olhar enlanguescido afaga,
lembra, nessa attitude sofredora,
a forma extranha de uma grande chaga...*

*Quando alem, para o poente, o sol se vai,
e a noite desce voluptuosa e languie,
a tua luz serena e bôa cae,
por sobre a terra, em beijos de ouro e sangue...*

*Não te bendiz, talvez, nenhum mortal,
passando á tua excelsa claridade
em noites de nevoeiro e tempestade
ou sob a luz de um luar sentimental...*

*Muitos passam por ti, indifferentes,
passam... e lá se vão cantarolando,
almas em festa, corações contentes,
pela noite, sônambulos, sonhando...*

*Outros passam por ti, loucos, em furia,
e amaldiçoam tua luz intensa!...*

— Sofres dos bons a torpe indiferença!...
— Dos maus o escarneo, a impiedade, a injuria!...

*E a luz que fulge e que trazes contigo
tem socorrido a muitos seres varios!...
— Mas sofres as pedradas, meu amigo,
dos vagabundos e retardatarios...*

*Vives completamente abandonado,
sem o carinho de um olhar sequer,
como alguém que sofresse, de máo grado,
a indiferença atrás de uma mulher...*

*Faz pena ver-te assim desilludido,
talvés sentindo a mesma dor que eu sinto:
— sonhador, de algum sonho presentido...
— sofredor, preso á luz de um sonho extinto...*

*Mas, quando, sobre a terra, o luar derrama
uma esteira tenuissima de prata,
ficas, n'uma attitude de quem ama,
á doce espera de uma serenata...*

*E a serenata vem... E um bandolim
soluça, ao longe... E, ao longe, um trovador
vem soluçando uma canção de amor,
esta canção que canta dentro em mim:*

*Quando a amizade é sincera
sobrevive ao tempo e ao fado:
— "Coração, ai! quem me dera"
nunca tivesses amado...*

*E pela noite a fóra eles se vão
cantarolando essa canção saudosa,
emquanto cae do espaço, silencioso,
a tristeza das cousas, na emoção...*

*Pobre de nós, cujo sofrer é insano!...
Mas quem me vê sorrindo, mundo em fóra,
há de pensar que eu sou felis, embora
eu seja, nesta vida, o Desengano;*

*o menestrel que cedo envelheceu
cantando de um aféto o retorno...
— tendo no peito a cólera de Othelo
e na garganta um "soluçar" de Orpheu...*

*No entanto, imagem da melancolia,
haverás de sofrer sempre de balde,
pois ha quem diga que és, sem ironia,
o lampeão mais felis deste arrabalde!...*

*Mas para mim, o sonhador errante,
de olhos pela vigilia macerados,
és a saudade de um olhar distante
e a magua toda dos apaixonados!!!..."*

*Disse... e deixei-o como que sentindo
a magua de ser só... Pobre lampeão!...
— E agora vive a sua luz fulgindo
por sobre as ruínas do meu coração...*

STENIO DE SA'

Do "Ritmos da minha vida".

A formiguinha invejoza

Uma formiguinha preta muito invejosa, desejou certo dia ter azas:

— Pois será possível — poz-se ella a pensar — que eu haja de viver toda a vida pelo chão, quando tanto animal existe por ahí, feio como a cecurija e o morcego e que voam?

A ambiciosa formiguinha não se conformava com a sua pequena condição e ficava rai-vosa porque ninguem reparava nella.

Seu velho odio da cigarra cada dia augmentava.

— Quando vier o inverno quero vel-a acoer de fome á minha porta.

E a formiguinha preta fazia planos tenebrosos contra a cantadeira, sem se lembrar de que tambem desejava ser como ella.

Foi quando, estava o inverno á porta, notou a pequena ambiciosa que bem á altura dos hombros duas pequenas azas lhe brotavam.

E quase corre a gritar por alli, a todo o mundo, a sua felicidade.

Dias andados, azas estavam-lhe quase nascidas e elle começou a ensaiar seu primeiro vôo!

Um metro que subiu, quase lhe dá vertigens. — Agora sim — pensou. Posso ver tudo do alto. E como esses amaes que agora me humilham com o seu tamanho, me parecerão pequeninos e vis.

Uma tarde humida, a formiguinha invejosa sentiu que era chegado o instante de subir.

Desprendeu-se da terra, muito agil, e começou a voar.

Estava embriagada pela altura e subia, subia sempre.

Attingiu as franças mais altas arvoredo e logo passou sobre ellas. Subia, sentia-se grande, sentia-se rainha.

Voando sempre, a formiguinha se deparou então com uma igreja.

Era um velho templo aban-

EU, ELLA E O VELHO JASMINEIRO...

donado e ella iria vel-o de perto, no seu vôo feliz.

Mas, de subito, bem no alto, empoleirados na cruz da igreja, devisou tres bemtevis patolas, enormes e gorduchos.

E mal teve tempo de reparar nelles, porque todos lhe vieram ao encontro, de bico aberto.

Num segundo sentiu-se esmagada, morta.

E ainda assim a formiguinha preta pensou em que fóra bem melhor não ter criado azas.

Moralidade

Formiga quando quer se perder, cria azas.

Lucilo Varejão

Do livro Bôa gente, a sahir

A duqueza de Goyneche

A illustre dama peruana senhorita Duqueza de Goyneche — Dona Maria Josepha de Goyneche e Gamio — acaba de receber do Rei de Hespanha o titulo de condessa de Gamio, como nova recompensa a suas eminentes virtudes.

A proposito diz a Mundial de Lima:

Como se sabe, a senhorita de Goyneche y Gamio, com seus irmãos Dona Carmen e Don João Marianno de Goyneche e Gamio, offereceu á sua cidade natal, Arequipa, o grandioso hospital que possui e recentemente um novo edificio para o lazareto. Não nos queremos referir ás innumerables obras que Arequipa deve á sua insigne bemfeitora; só nos referimos aos beneficios que lhe deve Lima e que são, entre outros, o valioso terreno que offereceu para o Asylo das Crianças Pobres de Chorrillos, c terreno que ce-deu em Miraflores, onde se ergue o ossario de nossos martyres da guerra do Pacifico, a forte somma em dinheiro com que contribuiu para o orphanato "Perez Aranibar", os departamentos que a suas expensas se construíram na Casa dos Pobres de "Santo Antonio", etc.

*Foi á sombra desta arvore bondosa,
foi aqui, neste jasmineiro, que tua alma despertou...
Para a festa das frondes os passaros cantores
preparavam a orchestra matinal...
E o auditorio — as flores —
impaciente tremia nos galhos orvalhados...
Nessa manhã, mais e mais o jasmineiro se nevou,
quando a tua bocca de rosa de Petropolis falou:*

— Sabes? As tuas palavras me fizeram bem...
Falaste-me de amor... e eu só posso falar...

(A tua voz tremia de uma maneira singular).

— De que?
— ... De amor, tambem.

*E coraste como a rosa, que ali vês, ainda em botão.
Eu quiz beijar-te. Porque
não deixaste então?*

*Lembro-me bem que respondeste:
— O jasmineiro dá flor... flor tem olhos e vê...*

*Bandoleira!
O teu amor foi ephemero como a rosa da roseira
que murchou ao sol do meio-dia.
Teu amor foi como a névoa ao sopro da ardentia...*

*Jasmineiro,
tens a cabeça branca, ó meu velho conselheiro...
Antigamente eras um velho de apparencias joviaes,
com tuas flores perfumadas e nevaes...
Encantava-me o teu aroma nas noites de luar
e nas manhãs de luz e seda...
Hoje, no evangelico silencio da alameda
és um velho triste, que só vive a recordar
o tempo em que ella vinha com seus dedos aromados
colher os teus jasmíns nevados...
Mas, meu velho amigo, essa epocha passou...
E a tua floração desse tempo já murchou...*

*Jasmineiro, como tu, tambem sou triste. Não vês!
A tua sombra me entristece mais. Porque
foi aqui que ella mentiu pela primeira vez...*

OS LYRIOS

Neste domingo de suavidade pascal, fui vêr uma linda collecção de lyrios, maravilhosos como arautos da Primavera.

Eu tenho uma antiga e esthetica predilecção por esta flor cheia de graça. A mais delicada exposição que tenho visto foi uma deliciosa exposição de lyrios, ha dois annos. Numa longa galeria envidraçada, infinitos solitarios exhibiam a flor heraldica. Aqui, ali, como evocando a sua poetica genealogia, havia decorações heroicas e mysticas; espadas cortezãs, um êlmo emplumado, duas tapeçarias com motivos guerreiros e devotos e uma pequena e linda collecção de Virgens de marfim e de barro — Virgens de uma tosca ingenuidade infantil, e Virgens de um ascetismo macerado. E, junto destas imagens, não sei porque, nem sei como, o perfil gothico dos lyrios ganhou a aerea e esbelta formosura das madonas primitivas. Uma subtil poesia espiritualizava tudo: até o vulto airoso das mulheres de raça me pareceu mais fino.

Os lyrios que hoje vi não foram os ingenuos lyrios do campo, mas, sim, lyrios civilizados, como pinturas de mulher garri-da.

São productos de longa paciencia, bizarros como versos symbolistas; não conseguem, todavia, a belleza do lyrio classico — o lyrio roxo e o lyrio branco.

Foi o lyrio dos campos, de uma fidalga e singela elegancia, que ouviu, nas orvalhadas manhãs da Galiléa, a voz incomparavel de Jesus. E o moço Rabi não se esqueceu de o apontar aos homens vãos: "reparai no lyrio: não trabalha nem fia e, entretanto, está melhor vestido que Salomão, em toda a sua gloria". Só elle exhala o milenario perfume das antigas lendas. Evoca estheticas mythologicas, ceremonias de investiduras e passos devotos de *Flos-sanctorum*. Floriu na Biblia e engrinaldou as columnas classicas.

Os artistas colheram-no nas sagradas margens do Ganges e do Nilo, para lindos motivos decoraes.

No paiz dos pharaós, ligado ao culto phallico, foi o symbolo da ressurreição da vida e o attributo de Horus. Mais tarde, o

christianismo tirou-lhe esse significado genesiaco para o tornar a flor allegorica da castidade.

Do Egypto monumental e hieratico, o culto do lyrio passou para a Judéa. A morena Rachel e Rabeca dos olhos fundos engrinaldavam os cabelos de lyrios; Judith usava lyrios de ouro, e Salomão, o rei poeta e sabio, querendo distinguir das outras raparigas Sulamite, a eleita do *Cantico dos canticos*, chamou-lhe lyrio entre os espinhos. Floriu tambem, na terra das estatuas, sob o claro olhar de Pallas, a deusa dos olhos azues.

Um dia, Hera amamentava Hercules, filho de Zeus e de Alomena. Hercules mordeu-lhe o seio divino, e Hera, repellindo-o, deixou cair duas gotas de leite: de uma, nasceu a Via Lactea, nasceu da outra o lyrio.

Com esta origem divina, o lyrio tornou-se companheiro dos deuses. E, na sua carreira triumphal, escutou o riso e as lamentações de Aphrodite... Em Roma, serviu ainda de motivo ornamental; mas o genio romano, imponente e pesado, não devia comprehender bem esta flor de elegancia fugidia.

Roma delirou com as rosas; os epicuristas, os poetas e os sacerdotes coroararam-se com ellas. Engrinaldaram as vestaes e os devassos. A rosa apparecia sempre, na cerimonia dos pontifices e dos augures, nos festins imperiaes e nos tumulos. Em sua honra instituiram-se festas religiosas: as *rosalias*.

Verres enchia a liteira de rosas e era sobre montões de rosas que o requintado Vero dormia.

Flor sensual, engrinaldou todas as orgias e ajudou, com o seu perfume languido, a enfraquecer o quiritarrio espirito.

A igreja rehabilitou-a, é certo, mas, apesar de todas as purificações, a rosa recorda, ainda hoje, lithurgias pagãs. O lyrio, não; fuge para o céu.

Suavemente, perfuma todo o crédito nazareno. S. José foi escolhido para esposo de Maria, porque no seu cajado, rude, desabrocharam lyrios milagrosamente. E a flor, para sempre, ficou consagrada à Virgem, que, nas tocantes illuminuras dos agiologos, surge muitas vezes

do calix de um lyrio branco. Foi assim, sobrenaturalmente, que appareceu a certo rei de Navarra, para o curar de antigos males. E o rei, agradecido, fundou, então, a nobre ordem militar de Nossa Senhora do Lyrio, tomando a flor espiritual como emblema.

Figura nos quadros medievaes da Annuñciação e desabrocha, immaculado, sob os passos religiosos dos santos.

Na cavallaria mystica, fundada pelo pobrezinho de Assis, batalha Santo Antonio de Lisboa, conhecido por Santo Antonio de Padua — é bello e eloquente como um novo evangelista. A symbolizar a sua pureza resplandecente apparece o lyrio, muitas vezes, na iconographia deste admiravel santo.

Flor de altar, passou, com um novo significado cavalheiresco, para os livros de armas. Quem ignora a heraldica *flor de liz*, consagrada com todas as nobiliarchias da Europa?

O escudo dos reis de França, com lyrios de ouro, foi, segundo uma velha lenda, dado por um anjo a Clovis.

Eu bem sei que os archeologos modernos têm procurado outra origem para a flor de liz do "blason des célestes et christiennes armes de France": uns, vêm nella a estyilização de uma lança guerreira, outras de uma açucena; outros, ainda, de uma abelha dourada, e até de um sapo.

Quem conhecer bem, todavia, a evolução da flor de liz, desde o seu afilado desenho medieval até á pesada fórma dos seculos XVIII e XIX, não pôde ter duvidas de que se trata de um lyrio estyilizado, pois a flor adivinha-se muito bem nos desenhos primitivos.

Foi da casa real de França que veiu para os Albuquerque, através dos Telles de Menezes, segundo os velhos nobiliarios, a *flor de liz* — talvez tambem por isso, porque o lyrio é a flor symbolica dos do meu sangue, eu tenho esta antiga predilecção.

Na nossa armaria, além do lyrio estyilizado em *flor de liz*, apparece tambem o verdadeiro lyrio, em sua fórma natural.

A *flor de liz* foi o symbolo da França monarchica, feudal e ca-

DE MONOCULO...

Zizinha... minha... desaffectedasinha...

D. Zizinha,

minha affectuosa desaffectedasinha,
(olhe: não digo desaffecteda... Zinha;
perdêe, portanto. Não me queira mal...)

D. Zizinha,

meus parabens! Gostei de vêr a linha
com que V. — esplendida atrizzinha! —
de todo o rapazio almofadinha
fez as delicias no Internacional...

Gostei de vêr? Qual! Nada!...

Se eu lá não fui (quanta conversa fiada!)...

Se eu lá não vou (ai! que massada!)...

Se eu jamais lá irei (plebeu que sou)...

Gostei de ouvir... (Isto é que certo). Ih! tanta cou-
sa...

Minha tota e ineffavel maripôsa,
que boa está V.! Como V. dansou!...

Dansou?!... Vá lá... Dansou... Ch! Que espe-
rança!

D. Zizinha, saia dessa dansa...

Deixe isso p'ra quem pôde e não dá que falar...

Não dá? Dá muito, mas... (Aqui a gente cala...

Porém diz á socapa, e, em surdina, cabála
contra o chamado — modernissimo dansar)...

Dansar... Oh! a bolina collectiva
aristocratica, esfusiante, viva
que o fox gerou e o jazz-band aviva
sem ser, talvez, por mal. Dansar é um bem...

Dansar... E eu me examino: eu que não danso,
que trouxa sou! Que manipanço!

Não! Eu preciso dansar também!...

Vou dansar, minha filha. Não se vêxe...
Quando eu entrar no méxe-méxe,
no esfrega-esfrega deshumano que ahí vai,
ninguem, por certo, ha-de levar-me a palma...
Mas, não! Eu lá não vou. Simple motivo d'alma...
Ride, pois, todas vós, de mim! Mangae!...

Mas, como eu vinha lhe dizendo,

D. Zizinha,

ouvi dizer que o avança foi tremendo
quando V., afrosa e bonitinha,
flébil, colleante, lépida, magrinha,
Mal o rico saíão, surpresa, penetrou...
Dizem até que o Fittipaldi
lhe disse coisas doidas de Oscar Wilde
em pleno fox... e que V. gostou.

Ao que o Fitti, numa elegância incrível,
a voz n'uma doçura inexprimível,
amavelmente lhe, retrucou:

—Perdão, Zizinha! Mas é possível

“que V. seja assim tão sensível?”

E V., doce ingenua e lêda: — “Sou!...”

D. Zizinha,

minha, querida ex-amiguinha,
isto é só para a vêr bem zangadinha
(quando V. se zanga ainda é mais bonitinha),
é brincadeira... Não me queira mal...

D. Zizinha,

meus parabens! Quanta melindrosinha
de alto cathurno não lhe invêja a linha
com que V. diverte a malta almofadinha
desta grande cidade egrégia e nobre e leal!...



Quem annuncia quer fazer... “negocio”...

Meu caro Pereirão: Seu annuncio é verdade!
(Corrija o annuncio... Tome um bom conselho!)
Os moços elegantes da Cidade
Vestem-se mesmo na Casa Espelho?



Lembrando o Fialho de Almeida...

Pequena boa (bôa que des...maia),
V. vai bem... Já sabe, até dar vaia...
V. tem jeito... Continue! V. promette...
V. que é tão bonita, sem trabalho,
me faz sorrir ao lembrar o Fialho...
—Cara de (não sei que) cortado a canivete...



“Mysterios”...

Foi á Argentina, lá passou dois annos.
Tinha olhos vivos e era então sapeca e bôa.
Voltou agora. Gôrda... Muitos pannos...
E já não fala com qualquer pessôa!

O perigo na "classe"...

Minha linda chauffeuse camarada,
sua classe tambem já vai bamba, estragada,
já está virando varredura?!
Toda pequena rica e bonita
hontem guiava um auto catita
Hoje é chauffeuse qualquer chiquita
matriculada na Prefeitura...



D. Voluvel, d'olhos de... "esmeralda"...

Minha linda senhora: Então... já volta!
Pois que! Desta crueldade a tórva escolta
meus sonhos, de um a um, desengralda...
Sim, que, se já me foge o seu sorriso,
eis que inferno se faz meu paraíso...
Ai! Por que fui a olhar seus olhos de esmeralda?

Aquellas phrases reticentes no cinema...

A amarga suggestão... O ironico dilemma:

Dar o fóra, ou morrer qual Fernão Dias...

Minha linda senhora: Sus! Clemencia!

Como é voluvel V. Excellencia!

V. Excellencia dá-se a tantas phantasias...

O joven bacharel dos poemas á distancia

é que se affirma o heróe e gósa a ideal flagrancia
das preferencias que eu bem vi, e— oh! petu-

lancia!

com que triumphal e poetica arrogancia

de heróe, campeão do Amór, o seu pendão des-

fraida!—

Mas, faz bem. Quem, como elle nada teme...

Depois, não serei eu Fernão Dias Paes Leme...

Nem ha mais gloria em ser caçador de esmeral-

da...

Porque sou... como sou...

Não sei dansar, não danso, não frequento
nem ruidosos salões, nem ruidosas salinhas

onde a Virtude, o Mérito, o Talento

são apenas os foxs de espavento

em que... (palavras, leva-as o vento)

as melindrosas e os almofadinhas...

Dahi, um dia destes, não sei como,

deseendo a escada dos Dragões de Momo,

praça Nabuco, 63,

ouvir: — "Aquelle é um trouxa. Ainda não dan-

sa..."

Respondo agora: — "E' certo, criança.

Pois, se ainda não quiz esfregar-me em vocês!..."



Chamam-me por ahí até de futurista...

O que eu sou, entretanto, por meu mal,

em materia de dansa, é: — um passadista,

um poeta excentrico e sentimental.

E ellas, talvez: — "Hypoerita! Farcista!"

E elles, de certo: — "Cynico! Immoral!"

E eu vou andando, olhando, enchendo a vista
de bons exemplos de moral social...

Bem pintadinhas, bem despidas...

de modernismo, de velocidade,

de einsteineana relatividade,

mas ainda tenho sensibilidade

e alguma coisa mais que ninguém vê...

Por isso (hão de pensar que é por mysanthropia)

não frequento os salões da mundana alegria,

não vou ás festas da aristocracia,

não danso, não me esfrégo á D. Hypoerisia

mas lhe conheço bem o cynismo e o chiqué...

Dirão, a rir, de mim, na turma boa:

—Mas que despeito! Um pettasinho á tóa

que ninguém liga a esbravejar, a malsinar,

os costumes actuaes, tão bons... Que cabuloso!

—Que trouxa! — Que Catão delicioso!

—Que sugueitinho pretencioso!

—E' só despeito. Elle não sabe nem... dansar...

Muito bem, minhas filhas. Bello trote!

Mas, vão vocês fazendo o esfrega-trot,

e sorrindo, e gosando, e engordando, talvez;

raspadinhas, felizes, convencidas,

Bem sei que sou desta ruidosa idade

No fim das contas sempre ha maridas...

Maridos, sim, nunca os terão vocês.

Fico com o Costallat. Adeus, queridas!

Ai! Como eu tenho pena de vocês!...



Menina, tome um purgativo...

V., que deve usar na melhor soutien-gorge,

quando passar por mim com a outra, por São

Jorge

não faça a cara assim tão feia... Dê um gel-

to...

Sei que V. me odeia. Mas, por que?

Que mal já lhe fiz eu, minha filha, a você?

Não... V. anda decente... Já se vê...

—Olhe, o allivio é mamona. Faz effeito...



Menage á trois?...

Madame (ou, antes, madamesinha)

moderna, elegantissima, ventoinha,

labias de lacre, bem despidasinha

toma no flirt uns ares de rainha,

e é deliciosa como não há...

Monsieur (ou mister?) é camarada.

Anda sempre com ella e o outro, e não vê nada...

E exclama a rua, desoccupada:

—Menage á trois!...

Um avião gigantesco,

typo "Dornier"

Os constructores "Dornier" os mesmos que tinham composto o excellent avião usado pelo major Franco no seu vôo da Hespanha à America do Sul, iniciaram os trabalhos para a construcção do maior aeroplano do mundo. Esta construcção será provavelmente terminada nas usinas constructoras de Dornier em Pisa. A extensão ao largo do avião será de 50 metros e o motor terá uma capacidade de 3.000 H. P. Não ha avião no mundo que tenha recebido um motor da mesma capacidade. Não se deve esquecer que os cinco motores do Z. R. 3, fornecido à America do Norte, alcançaram apenas esta energia. O novo avião será dotado de excellent camarotes de passageiros e, em primeiro lugar, das mais recentes innovações technicas. E' excusado accentuar que será installada uma estação de T. S. F. para possibilitar a comunicação permanente do aeroplano com as estações costeiras do continente. Existe o projecto de se usar o avião primeira para uma linha regular entre a Hespanha e a Sul-America.

MARINETTI NO BRASIL

*Acha-se actualmente na metropole, onde tem recebido manifestações as mais expressivas, o notavel escriptor italiano Marinetti, a cujo idealismo literario se deve a creação da escola futurista, que apesar de recente tem adeptos já hoje por todo o mundo latino.

No Brasil, o futurismo, com todas as suas mysteriosas retencencias espirituas, anda a bailar, a bailar, a bailar doadamente, descompassadamente, por quantos cerebros verdes a nova geração de poetas tem dado ás letras nacionaes.

Houve até uma epoca em que, só por causa do "marinettismo", os intellectuaes que frondejam ás orlas da Guanabára, desancoraram-se n'uma sarabanda de in-

sultos candentes, como gottas de chumbo a ferver e a cahir e a gottejar sobre chagas vivas, vermelhas, chagas dolorosas, cruas.

Depois arrefeceu, gelou, polarisou-se o movimento. Um lago, um pantano.

Eis, porém, que o sr. Marinetti resolve visitar o Brasil. Szena dos 10 mandamentos. David salva o povo de Israel. E o Mar Vermelho da discordia, vae atravessal-o Marinetti a pé enxuto e sobre um tapete de rosas, ao som de vozes femininas, roxinoliscas, a dizer, a declamar, a gritar versos futuristas.

E são tantos os que se têm escripto no Brasil, que o proprio Marinetti talvez não lhes queira emprestar a chancellia de sua escola.

rinho Fa'ção, das Alegôas, põe nos elxos a obra de Guttenberg" — Red.: "Um politico de escol" — Red.: "Cardapio sem a delicia final da sobremsa" — Red.: "Integra-se o lacharel no rijo espirito da epo-

cha" — S. R.; "Caro Doutor" — L. V.; "Um documento de firmações" — Red.; "Discursos e monumentos" — R. V. M.; "Exposição Regional de Nazareth" — Red.; "O que houve numa sessão" — Red.

VOZ ALTA

Continua a obter o mais franco successo o vibrante pamphleto politico e litterario **Voz Alta**, cujo quinto numero circulou na segunda-feira desta semana.

Damos a seguir o seu sumario:

"Ephraim chora sobre as ruinas de suas ambições" — Redacção; "A' moagem da critica" — Agrippino Grieco; "Dos Anjos Silva" — Red.; "A turba multa dos juristas nacionaes" — Red.; "A Athenas braseleira" — Red.; "O sr. Ma-

VICTORIA

... Mas eu desejo tentar o impossivel
Attingindo o teu amor...

E alcançarei o cume inacessivel
Do frio monte do teu coração...

E então

Não mais terei na vida um dissabor...

E sendo minha, a victoria, nesta lucta
Eu vencedor me aclamo...

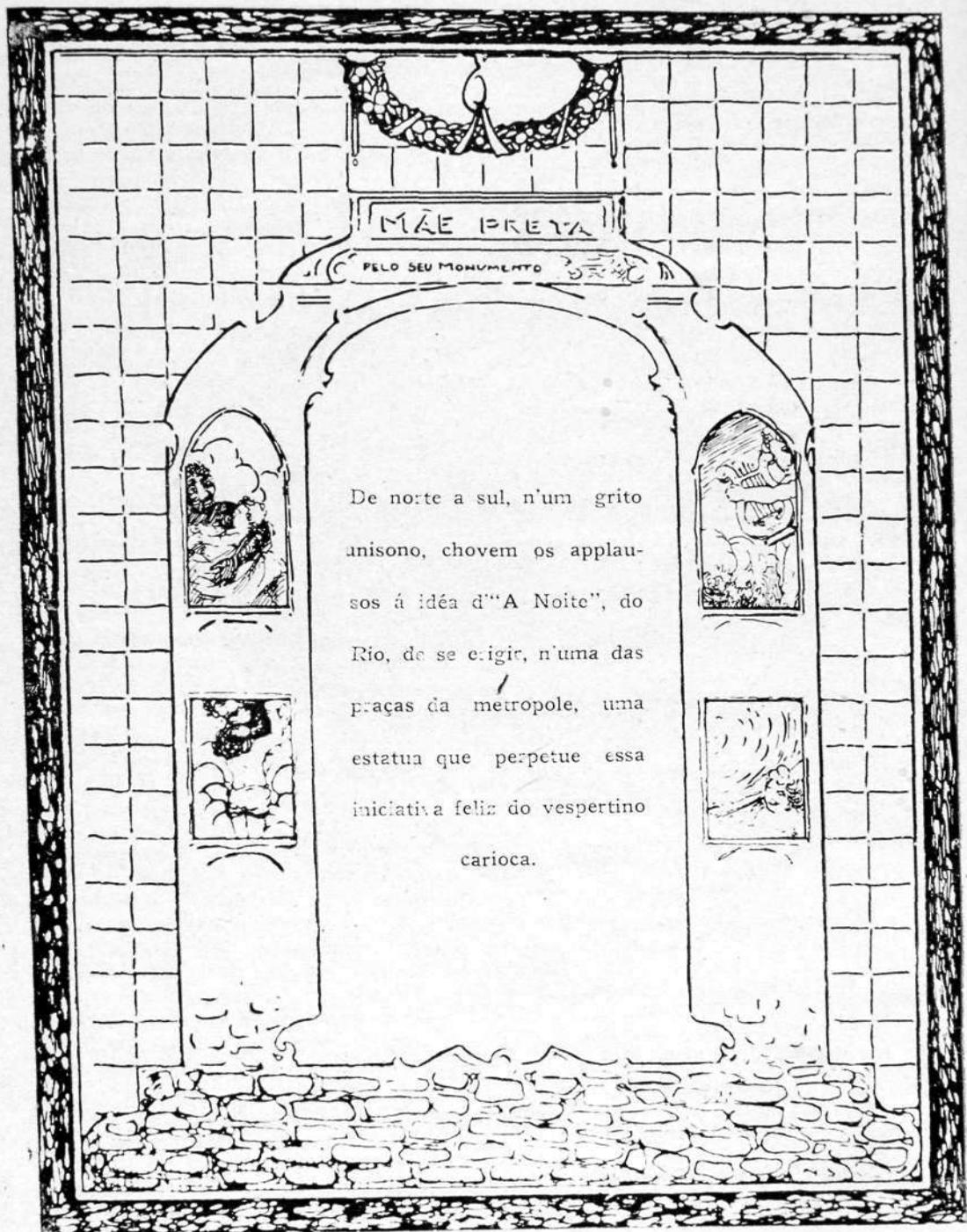
E para que essa victoria repercuta,
Benções de luz ao meu redor derramo...

E sairei então, feliz, bradando

Com voluptia, com ancia:

Eu te amo... Eu te amo... Eu te amo...

LUCILIO DE OLIVEIRA



Mãe preta

Pelas cordas da Pátria eu afino o instrumento do verso. E eu não podia, um poeta brasileiro, deixar de por em verso o meu contentamento sobre a ideia que esposa o meu paiz líteiro.

Mãe Preta, nesses dias que ficaram lá,
foi uma santa de bondade e de ternura:
— Meu Sinhô Moço para aqui, Minha Sinhá,
paciente e generosa, em sua escravatura.

Eu, por exemplo, tive u'a mãesinha prêta,
que me chamava, entre os meus paes, seu molequinho;
nessa democracia familiar, a teta
dessa robusta negra alentou-me um pouquinho...

Promisquidade entre existencias, que eu venero.
Ser brasileiro é ter tres sangues, na affeição
de um coração immenso, harmonioso e sincero,
viciando corações dentro de um coração.

Tudo o que era de doce, bolos e tolices
quando eu era um pivete, um pirralhito ahí,
vinha Mãe Preta, e as costumeiras rabugiees:
— Quem tirou de meu filho o que guardel aqui?

E rabizava... e dizia aos meus paes... Um inferno!
Depois, na lueta pela vida, eu me ausentei.
E chegou meu outomno e, logo após, o inverno
mas sempre eu fiquei creança no homem que eu fiquei.

Tudo passou; o tempo, tudo! E, nas mudanças,
as nevoas no cabelo espontaram, branquinhas,
subtis, assim como um canteiro de lembranças,
de umas recordações já muito acabadinhas...

Mãe Preta, enquanto eu for senhor deste instrumento
do verso, para ti serão os meus louvores,
hymnos e de cantar junto ao teu monumento

e entre beijos cobrir seu pedestal de flores!

ESDRAS-FARIAS.

Prosaismo em prosa util

Aos nossos criadores

É sempre um prazer e uma tarefa agradável fallar do esforço intelligente de um brasileiro, que emprega o melhor das suas energias vitaes numa obra que vem de qualquer modo augmentar a riqueza pecuaria de nosso paiz, alargando-se pelo estrangeiro.

Renato Vianna Costa pharmaceutico em S. Bento, é um moço de agente e esforçado que entra com seu valioso contingente de trabalho para resolver o penoso problema de incontáveis molestias do gado, em geral.

Bendizem esse esforço, innumeráveis fazendeiros importantes do paiz e de outras republicas latinas, que estão empregando com exito o específico Sim.

O específico "Sim" que cura quase todas as molestias virulentas e contagiosas do gado não é certo, um thema sobre o qual a expansão fundamental possa bordar motivos graciosos e bizarros, mas dentro do seu prosaismo util e hygienico tem o seu lado poético para os que amam a vida sã do campo onde nenhãzinha e ao entedecer se encurrala o gado nedio e sadio, que fornece o leite e os seus derivados sem que os assalte o receio das molestias, cujos microbios escondem.

O Senhor Renato Vianna loste, com sua palestra eclorizada, sóbria e intelligente, prendeu minha attenção e conseguiu interessar-me sinceramente.

Admirei o seu esforço pequizante e tenaz, a orientação utilitaria da sua capacidade mental, a sua mocidade boa e toda entregue á luta exaustiva em busca de um thezou-

SAUDADE...

ro tanto mais precioso quanto mais obscuro numa epocha em que tudo é fogo de artifício, em que o melhor da juventude vae na rebeldose das futilidades ou dos vícios, qual carneiros de Panurgo, prejudicando o individuo e a collectividade.

Dedico ao sr. Renato Vianna Costa, a minha pagina de hoje, certo de que ella será mais que todas as outras. útil.

E' uma semente que planto com as mãos entusiastas em chão fecundo. Que linda e boa messe advirá dessa sementeira sem luzes multicôres de poesia mas cheia de seiva e de vida.

E' de pedrouços a estrada, mas os tropeços só abatem a enfermos.

Neste meu prosaísmo util, ficam meus parabens á intelligente obra do sr. Renato Vianna Costa.

Juanita B. Machado.

Sommados, tinham

1.258...

Fantasia de homem rico.

Monsieur Chansiergues, dono do castello de Vernay, proximo á Lyão, é rico. Viticultor, vivendo entre viticultores, resolveu elle dar uma festa em honra dos camponezes locais. Não os podendo, porém, convidar a todos, convidou somente os quinze mais velhos: sete camponias, das quaes a mais antiga tinha 100 annos e a mais moderna 71, e oito camponios, cujo benjamin alcançara já 74 e dos quaes o chefe em idade tinha 96.

A festa foi alegre e terminou, como de uso em França, por espertas canções de sobremesa, cantadas tremulamente por fios de voz prestes a romper-se.

Sommadas as idades dos convivas, obteve o sr. Chansiergues o lindo numero de 1.258 annos.

Saudade...

Saudade é uma velhinha
Toda vestida de rôxo
Muito alvinha
Muito esguia
Que todo o dia
Dentro de minh'alma
Falla
Suspira
Geme
Soluça
E treme...

E de tarde

Na hora do crepusculo
— (Hora sombria
— Hora de encanto e nostalgia)
Ella vem conversar a sós commigo
Na minha soledade...
E eu me embalo
— Ouvindo a sua voz
— Na voz da cotovia...

E enquanto o sol no occaso
Enclina-se e agonisa
Deixando no rendilhado da folhagem
Uma restea de luz...

Nest' hora mystica dos sonhos
E em que o ar

As nuvens

E o mar

Envolvem-se no manto brumoso da tristeza

Ella a velhinha — Saudade —

Toda incerteza

Fica-se horas inteiras

Dentro da minh'alma

A espelhar sua imagem

Bruxoleante

Anhelante

Absorta

A' seismar...

De noite

Quando a lua

Clara

Nevada

Boia no firmamento...

Que no oceano irado

Fluctua

Desfraldada ao vento

Uma falua

Singrando

Cortando

As vagas encapelladas...

Que além

Na praia

Alvejada de luar
 Coberta pela espuma...
 E que se levanta em som no espaço...
 Ainda é a velhinha — Saudade —
 Esguia
 Macilente
 Que vem conversar comigo...
 Eu até adormeco
 Ouvindo um som dolente
 Plangente
 Que soluça
 Que géme
 E treme
 Na voz d'um violino

.....
 E é assim a velhinha — Saudade —
 E me parece
 Que em toda parte está, em toda alma habita...
 — Tanta n'alma do moço que se agita...
 — Como n'alma do velho que padece...

FALYRA.

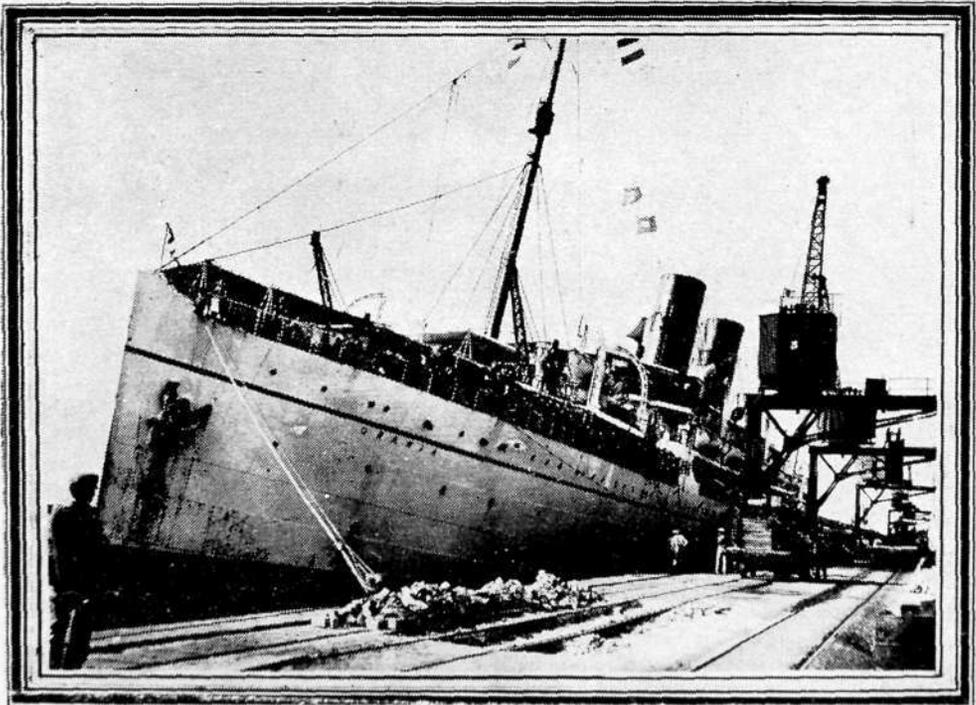
Senador Epitacio Pessoa

Transcorrerá, no dia 23 do corrente, o anniversario natalicio do exmo. sr. dr. Epitacio Pessoa, ex-presidente da Republica e actual senador federal pelo Estado da Parahyba.

Vulto de prestigio na politica brasileira, onde tem o seu nome aureolado pelos feitos mais nobres e edificantes, synthese expressiva de um caracter forte e leal, s. exc. ha se conduzido em todos os momentos, quer na paz ou no borborinho das paixões adustivas, com a serenidade dos homens impavidos e intemeratos.

Rua Nova felicita o digno anniversariante.

INSTANTANEO



O S/S. "Orania" um dos melhores elementos de que se compõe a frota do Lloyd Real Hollandez, atracado no armazem 2, das Docas.

LIGA PERNAMBUCANA

CAMPEONATO DA CIDADE

Em proseguimento ao campeonato instituído pela "Liga Pernambucana dos Desportos Terrestres", encontraram-se domingo ultimo, no campo dos Af. filctos, os filiados "Santa Cruz Foot-ball Club" e "Centro Sportivo Pernambucano".

No encontro dos 3.^{os} teams, pela manhã, saiu vencedor o tricolor da rua da Aurora, pela diferença de um ponto a zero.

A's 14 horas, sob as ordens do sr. J. Elias Bernardes, do Flamengo, iniciou-se a pejeia dos 2.^{os} teams, que teve lances admiraveis.

Depois de uma lucta penhida, saiu vencedor, ainda o Santa Cruz, pela vantagem de 3x2. Ephraim, Ivan e Graciliano foram os melhores homens do re-

ferido embate, em defesa das cores santracruzenses.

Dadá keeper do Santa Cruz mostrou-se fraco e não correspondeu ao jogo do team.

Carnaval, barvado do 3.^o team não deveria ter figura no 2.^o.

Dessas pequenas falhas resultou não ser mais significativa a victoria do camisa preto-branco, encarnado.

A's 16 horas o representante da Comissão Technica sr. Luiz Gayoso, do Torre, quer dá injeção ao jogo dos 1.^{os} quadros. O juiz escalado, sr. J. Miranda, do Flamengo, havia seguido a passeio, para Cacuaru'. Há uma grande falta de juiz. Nenhum abnegado apparece. Appellam as partes para o presidente da Liga. O sympathico sportman escusa-se gentilmente. Apparece Rubem Loyo. Novas supplicas, novos



Os 2os. teams do "N

fr



1.^o team do "Nautico" que vai collocado na vanguarda do campeonato da Liga Pernambucana dos Desportos Terrestres, juntamente com o "Torre"

DOS DESPORTOS

pedidos, apêllos constantes. O coronel não vê com muita sympathy a escolha do seu filho.

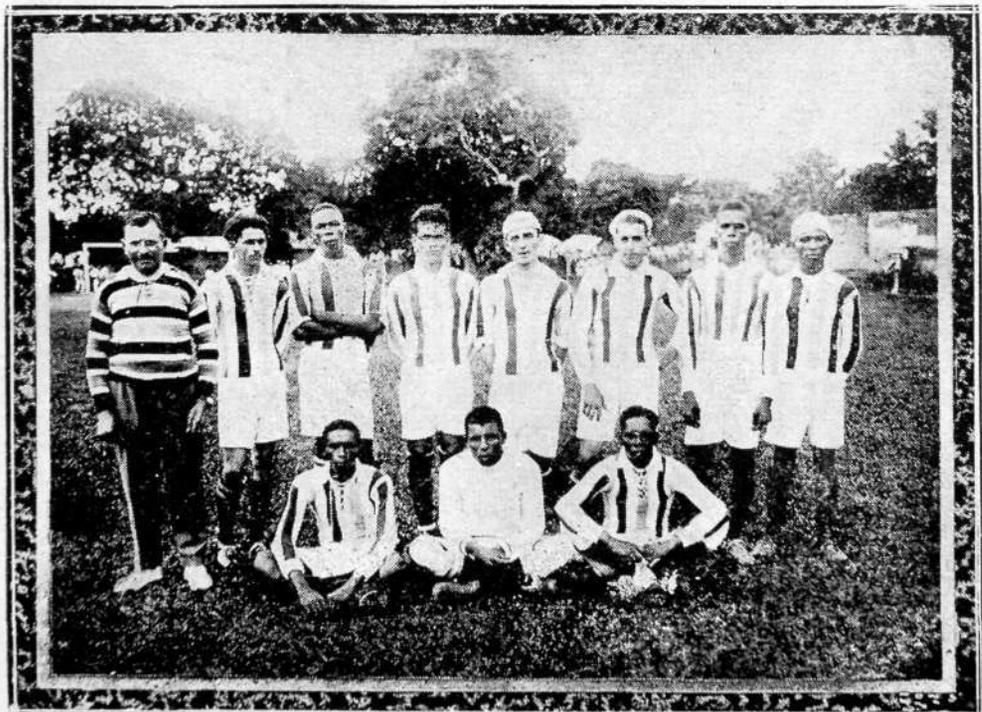
Atmal o hesitante camisa-rubra tomã do apito, e chama os homens a postos. Inicia-se o jogo. Phases brilhantíssimas. No Santa Cruz estrêa do keeper Eduardo Lobo, antigo viuvinha. Ataques constantes de lado a lado. Bulhões apparece substituindo Isnard. "Oh!" exclamam alguns torcedores "ranzinhas". João da Cunha passa a substituir Joaquim de Sá, no centro, substituindo este, por sua vez, a Bulhões. Benedicto do Centro Sportivo secundado por Renato, está vigilante e defende brilhantemente a cidadela do seu clube. Mario Rosas está nos seus bellos dias. Termina o 1. tempo.

A tableta, um pouco indecente, com os nomes dos clubes es-

críptos em calligraphia barata, accusa o resultado de 0x0. Dez minutos para a gazoza. Os comentários. "O tricolor da rua da Aurora só desenvolve jogo no 2.º tempo". "O tricolor de Santo Amaro é osso". Reinicia-se a pejeja. O mesmo entusiasmo louco. Assistencia numerosa a auxiliar o jogo. "Leva Joaquim Portuguez". "Shoota Leite". "Fura Lobo, Danzi". "Elle é fundo." "Sebastião é branco, negro". O juiz age com toda a imparcialidade. Faltam 20 minutos para terminar o jogo. O Santa Cruz está com 10 homens. Pelado, enfraquecido ou doente, vai para um canto da cerca. Na ligeireza de um ralo, forma-se uma agglomeração. Fechou-se o tempo. O nosso chronista corre para perto do chartvarl. O presidente de honra da Liga es-



lamengo", con-



1.º team do Centro Sportivo Pernambucano, que se bateu, domingo, com o "Santa Cruz".

tá nervoso. Procura um torcedor qualquer para expulsá-lo do campo. "Não admitto; chamou a meu filho de cego; appareça; veja quem fôr; ponho para fóra do campo". Coronei, dizem uns torcedores miúdos calmos não convem, isso; é mesmo do jogo; não fague importancia".

"Queco saber quem gritou, para expulsá-lo do campo", e dirigindo-se a um grupo do Santa

consultar aos captains do teams em lucta, toma do apito e chama os 22 homens a lucta. O Santa Cruz protesta, "Não", "O juiz escolhido foi o sr. Rubem Loyo, "Não há razão para essa mudança."

Gayoso parte e impurra o capitão do Santa Cruz, Bulhões. Este revêda a offensa. Fecha-se o tempo de uma vez.

Apparece o presidente da

Mot de lá fin.

No campo do "Sport" houve um saccebro damnado. Bufetões, cabeça quebrada, pistolas, facas, etc.

Foi uma palestra interessante com o leão da Avenida Malaguías.



Decididamente o sport não es-



2.º team do "Centro Sportivo Pernambucano", vencido, n'uma lucta renêda e brilhante, pelo "Santa Cruz", pelo score de 3x2.

Cruz diz: "foi alguns dos senhores?"

A'guem do grupo tomando as dôres, respondem: "Alto lá", coronel, isso aqui não é assim, não.

Com que direito somos insultados? E com que autorisação o sr. faza."

Fecha-se novamente o tempo "Retirem, não actue mais esse jogo". "Retire-se de campo". Jogo interrompido, Gayoso, sem

Comissão Technica, dr. Zito, "Se Rubem não actuar esse jogo, não actuará mais nenhuma". Apparece o coronel Abd'as. "Zito, dê o jogo por suspenso, pois os animos estão exaltados e o sol já está desaparecendo".

A opinião do secretario do Santa Cruz e da "Liga", foi actualia.

Pantaleão do "Centro" protesta.

tá sendo comprehendido, pelas nossas gentes. Em vez de um passa tempo, uma distracção innocente está se tornando um vehículo de odios.

E' verdade, que em São Paulo e no Rio o triumpho tambem é pau, quando se joga o football; mas em tudo não devemos seguir o exemplo do cul. E' bastante os melhores. De ruins já temos muito.

A "SOIRÉE" DO "AMERICA"

No domingo 16 do corrente, o America Foot-ball Club levou a effeito uma "soirée" dansante para commemorar a inauguração de sua nova sede, á rua Barão de Victoria.

Às 21 horas, teve lugar a sessão magna, presidida pelo sr. Carlos Lapa, fallando, nessa occasião o dr. Elpidio Branco.

A festa do America compareceu em diversas famílias.

As danças comecaram animadas, tocando o jazz-band do Jockey Club, sob a regencia do maestro J. Andrade.

O serviço de buffet esteve bom.

Campeonato da Liga

Com os jogos de domingo ficaram classificados em pontos os seguintes filados:

Terciros teams — Torre, 4; Nautico, 4; Santa Cruz, 2; Flamengo e Centro Sportivo, 0.

Segundos teams—Santa Cruz, 4; Torre, 4; Flamengo 2; Nautico e Centro Sportivo, 0.

Nos primeiros teams, o Nautico tem 2 pontos e o Torre, 4. O jogo Santa Cruz x Nautico não foi resolvido ainda, pela inclusão no team deste, do player Bartholomeu, cujo registro está ainda dependente da directoria e de accordo com o protesto do Santa Cruz. O match Santa Cruz x Centro Sportivo falam ainda 20 minutos para terminarem.

SERICICULTURA EM PERNAMBUCO

Quem seria capaz de prever, tempos atrás, que Pernambuco, no anno da graça de 1926, teria a enriquecer-lhe a industria uma fabrica de tecidos de seda?

Ninguem, estamos quasi a affirmar. Mas a guerra, com a sua bazueta magica, transformou, de relance, o ovo em animal. De paiz "essencialmente agricola" que eramos, na frase consagrada dos cartazes, passamos ao periodo das industrias, sem atravessar os lentos estagios em que a historia emquadra a evolução dos povos.

S. Paulo deu-nos o exemplo e nós, sempre propensos ao progresso, acompanhamos-lhe os passos.

Assim é que, entre as demais industrias que tentámos com proveito durante o "após guerra", acabamos de incluir o fabrico de sedas.

Os scepticos dirão, talvez, na sua eterna descrença: de que valem fabricas de tal natureza, se não temos a materia prima, se vamos buscar ao estrangeiro os elementos capitaes áquella industria?

E a resposta logo se nos impõe: a Inglaterra não produz algodão, entretanto é o paiz "leader" nos mercados de tecido do mundo inteiro.

Toda a materia prima lhe chega do Egypto e do Brasil e nem por isso lhe foi cassada a hegemonia no mundo da tecelagem.

Com a Inglaterra, porém, occorre um facto lamentavel: as suas terras não se prestam á cultura da preciosa malvaeca. Ao passo que, a nós, nada nos

é tão facil como a transplantação, para as terras nordestinas, da amoreira e, com ella, do Bombyx, manipulador delicado dos tenues fios de seda e perfeitamente adaptavel ao nosso ambiente climatico.

A planta que serve de "ha-

bitat" á preciosa lagarta é, como diriam os francezes "un bonhomme d'arbre", um arbusto medradico que se poderá disseminar até pelos sertões. E d'ahi á possibilidade de uma outra industria, que nos animará a economia.

NO MUNDO DA TELA



Um dos astros cinematographicos que empresta o seu realce á 'Paramount Pictures'

GRITOS DO MEU SILENCIO

RECIFE, 18 DE MAIO DE 1926

Meu caro Oswaldo Santiago

Estou certo que estranharás em te escrevendo agora sobre o **Gritos do meu Silencio**, depois de ter lido a critica dos criticos nacionaes, desde os mais impiedosos aos mais intimos amigos teus.

Preciso justificar essa carta, e, bem assim, a falta de todo involuntaria em que incorri: estas linhas são uma especie de segunda edição, "melhorada e augmentada", de commentarios delgados a respeito do teu livro novo, novo como a tua pessoa sympathica, como a arte trefega e linda em que plasmaste os teus versos.

O fim desta, dizia eu ao iniciar a carta que se extraviou porque foi tola pois não fulou, nem riu, nem gritou, insensível, sem dar signal de vida, ao menos, é agradecer-te a offerta de um exemplar do livro que me offereceste com uma dedicatória imaginosa e bem gentil.

E mais adiante acrescentava-te que não era critico, que as minhas palavras, si não offuscavam o brilhante das opiniões impessoaes, todas unanimes em proclamar as bellezas e os aspectos risonhos dos **Gritos**, tambem não augmentavam o elevado conceito em que eram tidos.

Ainda zigzagueava sobre o conjuncto de rithmos sonoros vibrantes, harmoniosos, que constituem esse livro, destacando entre as mais singulares, si me não falha a memoria, A ballada dos ruidos silenciosos, A fogueira encantada, A dansa da virgula de renda, A mulher sonora que tossia perfume e Desde meu odio que se fez perdão e Nublina de olhos verdes e cabellos de ouro.

Lembro-me bem, Oswaldo, ter concluido a carta que desappareceu porque foi tola, pois não falou, nem riu, nem gritou, assim: A impressão da leitura que o **Gritos do meu Silencio** me causou foi agradabilissima. Sinto, nesse momento, a alma em festa e o coração, parece, dansa um ballado rubro de emoções delicadas. Todas as poesias desse bonito volume são interessantes e originaes. Nenhuma desmerece qualquer príncipe da poesia moderna, ou passada. Entretanto, uma se des-

taca, talvez, por ter sido escripta com a luz das estrellas, numa noite de verão tropical, pois tem o sabor das cousas impossiveis, das cousas encantadas. **Tempestade**. Tão clara, tão leve, tão fina, que, depois de a ler quatro vezes, grave-a no caderno de ouro do meu pensamento. E toda vez que a digo, agora, é para a delicia espirital do meu coração lyricó:

Tempestade

A Arvore estava na montanha,
[toda núa,
com os braços longos levanta-
[dos para o Céu,
onde uma nuvem, como um
[cysne negro se insinúa...

Subito, um ruido echôa na
[floresta
enchendo o valle de um rumor
[tumultuoso de festa!

E a Arvore, menina ainda,
[vendo o baile medonho
lá-baixo começar,
enteitou-se com a chuva, e
[vestiu-se com o vento,
e desceu da montanha a can-
[tar e a dançar!...

Adeus, meu amigo. Muitos triumphos te deseja

O confrade sincero

Solon de Albuquerque.

Como um Elephante

Para todo o jornalista honesto, que faz dos pendores que a natureza lhe deu, ajudados pela cultura e controlados pela moral, um sacerdocio perfeito, a Lei da Imprensa nenhuma restricção acarreitou á liberdade profissional. Porque, antes mesmo da lembrança de cohibirem-se os abusos da penna, já o bom senso e o criterio limitavam os excessos que a Lei procura punir. D'ahi, a indiferença com que foi recebido o decreto Adolpho Gordo, pelos jornalistas honestos, que nelle não viam nenhum espantallo, nenhum cerceamento ás liberdades que o pacto constitucional assegura.

Comprehende-se que, para os

homieidas contumazes, a pena de trint'annos, estabelecida pelo código, é sempre apreciada como uma exorbitancia, um rigor demasiado do legislador. Entretanto, aos individuos Normaes e equilibrados pouco se lhes daria fosse mesmo instituida a pena de morte. E se todos os juristas não na admittem, é justamente para evitar que a fallibilidade dos procedimentos judiciaes possa alcançar com ella individuos innocentes, sem que seja possivel uma reparação.

Agora, pergunte-se, por exemplo, a um desses sclerados do sertão, o seu modo de ver quanto á cadeia electrica, quanto á força, quanto á guilhotina, e elle responderá, aterrorisado, que é contra a natureza, contra o espirito de humanitarismo a applicação de simlhantes apparatus de justificação.

"Não se falle em força, junto ao enforcado", diz o adagio que, melhor fora, rezasse: **não se falle em força perto de quem a merece.**

Eis porque ha jornaes que não supportam a Lei da Imprensa. Elles conhecem o poder do acalmo, e, então, querem descalçalo. Invocam para tanto, o demagogico argumento da Liberdade, como se essa respeitavel senhora não se sentisse humilhada quando confundida com a indisciplina moral.

Nada é absoluto; por isso se fizeram as leis para delimitar a orbita dessas prerogativas sociais.

Dêixe-se a Lei da Imprensa em paz, ao menos enquanto se educam certos jornalistas que, sem ella, continuariam a exercer a conhecida vingança de um elephante domesticado que em tempo andou aqui pelo norte: sugava a lama das sargetas para bisnagar todo o cidadão que passava de branco.

DJE'XANE AZADE'

Desde o numero anterior, enriquece o círculo de nossas jovens collaboradoras a intelligente senhorita que se occultava sob o interessante pseudonymo de Djéxane Azadé.

Rua Nova sente-se envaidecida em acolher esses teperamentos florescentes que, entre nós, actualmente formam o elemento moco de nossa escassa literatura feminina.

RECIFE DE HOJE



O Campo das Princesas com os grandiosos edificios publicos que o ornamentam, visto da Rua da Aurora.

Carta aberta

QUERIDA ALDA

Tenho entre mãos a tua mimosa misliva, perfumada rosca, tão não a perspectiva alegre do teu bom humor que promana de quem tem saúde.

Eu que ainda não me pude convencer como conseguist permanecer neste recanto sertanejo segregada do bulício da vida, tu que és a incarnação perfeita da irrequiescível phalena da mocidade, apressa-me a attender ao teu suggestivo apello: pede-me tu, sedenta de emoções: "manda-me noticias sensacionais dos que vivem embriagados de prazer, enquanto tu me estílo neste nostalgico Gravatá, onde tudo me enfaça, e onde os cuidados excessivos de mamãe, me obrigam a vegetar por tempo indeterminado. Não creio, porém, que o meu espirito indomavel, se resigne, por muito tempo a não ver e sentir o fulgor, do nosso querido Recife".

Noticias sensacionais?!

8 m. tã-a-ás agora para gaudir da tua curabilidade.

"Uns trazem na frente o selo da deidita,

Os outros? Os outros não nasceram nunca!?

Inesperadamente, defrontei-me hontem com a nossa Ecléa. Lembraste certamente da affinidade que sempre existiu entre nós duas, não é assim?

Pô's bem, apesar de não nos vermos, precisamente ha um anno, a boa harmonia do nosso affecto em cousa alguma arrefeceu.

Vemo-nos e caímos uma nas braços da outra em estreito complexo fo' cousa do momento. Passada a primeira impressão da emoção do prazer que nos tomou de assalto, observámo-nos com amor.

Ecléa, perguntou-me por ti, pois que sempre te distinguia já por seres digna, já por seres a minha predilecta; e ao saber-te, longe, ao abrigo das sensações, tu que tens as arestas dos sentidos voltadas, para o mundo, longe das sensações que nos dão as ruas movimentadas de uma bella cidade como essa que adoptamos como nossa, não se conteve que não me disserses logo: prepara-te para vel-a che-

gar inopinadamente entre nós trazida pelo facho igneo da saudade; e entre frouxos d'isso:

"Alda em Gravatá? Impossivel, minha amiga!"

E desse encontro inesperado, mas opportuno aju. (não te rales de inveja) em pleno dominio de um sabbado, ás 4 horas da tard na Bijou, repleta do que nós chamamos **jeunesse adorée** de Recife, onde a graça petulante de certas e determinadas jovens, põem relevos de palzagens bucolicas em primitivas... na exhibição co'cante de quadr's em bambolões, seu onde o monoculo irritante do poeta nos penetra a alma, e o bigodinho daqu'le outro nos desperta certas imagens que se vão perder ao influxo daquelle olhar expressivo e vivo daquelle outro que se limita nos poemas das distancias, aqui n'sta Bijou, onde tantas vezes nos del'clamos na vindicta de d'ssecal-os, no direito de revanche; a vel-os, reproduzidos n'ra cumplicidade indiscreta dos espelhos aqui onde se vive a vida das emoções, Ecléa narrou-me a **sensacional**

hstória que d'scretamente irás conhecer!

Lembras-te de André? Sim!.., aquelle jovem lúbro, olhos azues... alto... fêmebras-te?

Po's bem: Ecléa, amava-o em silencio, mas como vês, era um amor... impossível!

Mas... ah! fatídica e terrível junção de funestas consequen- cías no destino humano!

André, pactuando com Lucif- er, scismára, concebera a idéa torpe de seduzir Ecléa.

Tu não crês em Destino! Mas observa a triste história da nos- sa pobre amiga e pensa que ella não abriu e nem fechou a jan- ella que deita para este pé- lago immenso que é a miséria da Carne.

Um dia, ou melhor, uma noi- te, quando o disco de prata da Lua, jorrava sobre a terra bor- botõ s de luz, e Ecléa regressa- va á casa, immersa em seus próprios sentimentos, na curva da estrada deserta, é's que An- dré, surge, qual salteador, ante os seus olhos sem-loucos pela surpresa, e tomando-lhe as mãos frias, diz-lhe soffrega- mente: não me perguntes como me encontro aqui.

Ecléa, no horror da prova rude, diante do homem que adora, não pôde balbuciar si- quer uma palavra; a custo ven- cendo o temor que a invade diz- lhe tambem: "André, recua, não me tentes. Eu sei qual a natureza do teu sentimento pa- ra commigo, tu não me tens amor, a impressão que te cau- sei é a memm que toda mulher desperta no homem que a dese- ja". E triste e infeliz, subtil e felina, atira-lhe a pécha". Eu não precipitei os acontecimen- tos.

André subtilmente irónico co- mo que Surprehendido, "Não! Não precipitaste?! E ella reso- luta e coherente: Foi o destino Inexoravel!

Aqui, entre nós duas, grande pandego é o destino, não?

André, num assomo de ousa- dia mascula, prême-a de encon- tro ao seu peito abruptamente? beija-lhe a bocca.

Aldá, parece-me ouvir o cas- catear da tua crystallina garga- lhada, na alcova perfumada on- de me lês, mas suspende de teus labios esse riso galhofeiro, ago- ra elle não te fica bem, e ouve o resto.

Entr: duas lagrimas retidas a tempo porque a Bijou não comportava a natureza dessa confidencia, Ecléa, confessou lembrando-me o poeta.

"Devia ter o intenso ardor da lava
Um beijo dessa pallida creatu-
ra"...

Porque a despeito do impre- visto, a despeito da surpresa do gesto de André, ao chegar em casa o doce resalio daquelle beijo dava-lhe ansias, agora de pedir-lhe outros.

Physiologistas e psychologos, rasgae vossos compendios de observações sobre a mulher porque ella será sempre a eter- na interrogação!

Ecléa, repetia no cadinho de sua alma sensate! e canto de seréa, que André entoara á conquista da sua carne em flor, e repetia em parte, em holo- causto ao seu voluntario sacri- ficio, os versos do grande tragi- co, lembrando-lhe o espectáculo de dor, que o destino inexoravel puzera de permoelo entre os seus desejos e os seus corações:

"Entre nós dois ha a desgraça
de um nome
Esse nome é o nome de... Au...
re... lia"

Ep'logando, Ecléa, trucidou o seu proprio sentimento, e hoje é triste já não tem o mesmo aspecto de, eterna primavera,

como tu appropriatedamente qua- lificaste.

Porque?

Porque... ama André apesar de tudo e por escrupulo terá de renuncial-o porque este amo é... impossível!

Penetremos a sã philosophia se Schopenhauer.

"O bem estar e a felicidade são pois inteiramente negat vos. Só a dor é positiva".

Termino, perguntando-te en- tre dois beijos, ó tu espirito fri- voio dos ultimos annos de secu- lo XX, irmão gêmeo do cinema, cocaína, futurismo et caterva, é tu que não supportas o meu torpe sentimentalismo passadista, o unico extremo que separa os nossos espiritos, é o destino que torna ao conceito feminino os homens máos, ou são os ho- mens que fazem o nosso destino inexoravel?

Beija-te

Djénane Azadé

Recife, Maio de 1926.



Uma scena muda...

PELOS DESPORTOS

CONCLUSÃO

PELOS ARRAIAES TRICO-
LORES

Recebemos assignada por um Tricolor Ranzinza a seguinte missiva: Sr. Chronista Desportivo da "Rua Nova". Antes de começar o assumpto primordial desta, seja-me licito felicitar esse brilhante semanario, pelo modo altamente sympathico com que vem encarando o momento desportivo de nossa terra. Sem estar ligada a nenhum clube da Liga ou da Apea, a "Rua Nova" se me afigura, no momento o magazine necessario e opportuno, dada a grande lacuna que se vinha notando, com a falta de um jornal ou revista desportiva, no Recife. Com uma reportagem photographica muito interessante, "Rua Nova" é além disso uma revista de letras e elegancias.

Agora que o "Santa Cruz" tem na sua direcção tecnica o distincto sportivo, Abelardo Costa lembro uma modificação dos tres teams officiaes do querido tricolor da rua da Aurora.

1°.

Eduardo

Bebé, Mario

Tarcedo, Juquinha, Isnard ou
Bulhões
Leite, Casado, ou J. de Sá, Se-
bastião, Joaquim, Ivan

2°.

Dadá

Costa, Eliel

Uruguay, Graciliano, Liguinho
Fiamino, Magalhães, Octavio,
Ephaim, Pedado

3°.

Hilton

Waldemar, Aimbrié

Raymundo, Evêristo, Renato
Aluísio, Adalberto, Julinho, Os-
waldo, Oscary

EM PROL DO DESENVOLVI-
MENTO DO FOOT-BALL EM
NOSSO MEIO

Nada mais attraente e em-
polgante do que assistir dois
fortes e homogeneos conjuntos
de foot-ball disputarem a pri-
mazia do goal, esforçando-se
por mostrar a technica que
possuem, os finos trucs que
empregam, resultado da pra-
tica de muitos annos de jogo.

Infelizmente aqui, mui rara-
mente, a assistencia que pro-
cura os nossos campos de
sports sente as emoções insti-
gadas pelos lances das pug-
nas sensacionaes.

O motivo de tudo isto está

em que a maioria dos jogado-
res da Mauricéa geralmente
começa a bater bola quando a
idade já não permite um real
desenvolvimento sportivo, uma
das fortes razões de serem
falhos todos os esforços em-
pregados pelos nossos players
no sentido de desenvolverem
jogo mais ou menos aprecia-
vel.

Podem as nossas sociedades
de foot-ball reparar esse mal
creando, a exemplo de outros
adiantados centros futibolísti-
cos, nos proprios clubs *teams*
infantis donde sairão os futu-
ros campeões pernambucanos
que poderão figurar em scrat-
chs brasileiros.

Experimentem os directores
dos clubs essa pratica e aguar-
dem os resultados.

Recife.

Socrates

CONFISSÃO

Para aquela que vira o rosto quando me vê...

*Ah! deixa-me dizer, enfim, que te amo,
mas, duma forma linda e prasenteira:
como um pássaro diz á companheira,
em voz baixa, a pousar no mesmo ramo...*

*Anda em mim este amor de tal maneira,
que arde em tudo esta chama em que me inflamo...
Sinto a minh'alma, agora, num reclamo,
mais sonhadôra e mais cancionista.*

*... E ando, da luz do teu olhar, tão cheio!
que vou vivendo, ás amoções, alheio,
pois, só tua presença me conforta...*

*Mas, si, enfim, tu me não acreditares,
basta para acalmar os meus pesares,
não passares por mim de cara torta...*

Eu quizera ser...

a L. C.

Linda! Linda no nome! Linda na silhueta harmoniosa do corpo gracil e bello.

Escuta-me, Linda:

Eu quizera ser poeta!

Quizera ser poeta para bu- rilar na riqueza opulenta da nossa lingua em versos sono- ros e eloquentes, a musica sua- ve e deliciosa que me ine- brã o espirito ao encadeiar os meus olhos no liquido ful- gôr que dimana dos teus.

Eu quizera ser poeta!

Quizera ser poeta para em estrophes ardentes e apaixon- das, prosternado ante ti, cici- ar-te humildemente todo o amor, toda a loucura que me desvaira e me faz soffrer.

Eu quizera ser escultor! ..

Quizera ser escultor para

plasmar no marmore bruto e frio, a graça infantil do teu busto de menina, fazer viver na pedra morta e curva im- peccavel do teu corpo de ado- lescente.

Eu quizera ser escultor!

Quizera ser escultor para modelar pelas tuas mãos, as da Madonna de Peruggia, e ado- rar na minha obra a generosi- dade magnanima da inspira- dorã.

Mas eu quizera, sobretudo, ser pintor!

Quizera ser pintor para ar- rancar da minha pãtheta o tom negro anilado que te veste a ca- becinha mimosa.

Obriçar a trevosa côr a ful- gir em rutilos esplendores ao

demarcarem o circulo seductor e hypnotico dos teus olhos.

Enrubescer de pejo o ver- melho quando elle não conse- guisse dar a verdadeira ex- pressão do nacarado da tua bocca.

Procurar n'uma sabia mistu- ra dar o mysterioso jambeado da tua epiderme, que me em- briaga, que me allucina, que me arrasta.

De tudo que eu quizera ser — nada sou.

Em mim existe somente a re- ligião. A religião do bello que me faz ser crente na tua belle- za e prostar-me perante ella.

O meu culto é a minha força! A minha Divindade és tu!... Linda!..

A. C.

RISCANDO

Esta é autentica e além de autentica é uma boa piada, co- mo dizia um habitué do hu- mour.

Certo rapaz alimentava um flirt com determinada repariga (tal e qual como no raconto da Chuva Alegre...) até que um dia, por motivos que não sabe- mos explicar, passaram ao tra- tamento ceremonioso, tão pe- culiar aos namorados em arru- fo.

A pequena era atrevida, cheia de vivacidade, e gostava de ati- rar as suas ironias. Valendo-se disso, certa vez que o namora- do recordava, num salão, algu- mas passagens do seu namoro num arsinho arrebitado inter- rompeu o seu antigo Ele, com este aparte:

— Que prodigiosa memoria tem o senhor!

Está visto que o senhor ficaria liquidado imediatamente se lhe

não acudisse esta resposta sal- vadora e... inesperada:

— Ha familias inteiras no sim, minha senhora...

A. M.

ALTO COMMERCIO DE PERNAMBUCO

Um facto incontesteste é o de- senvolvimento commercial da nossa urbs que dia a dia se aformoseia e multiplica, mercê, não somente do bom gosto e criterio do commerciante em dotar sua casa de negocio com todos os attractivos que a pos- sam tornar sympathica e fre- quentada, mas ainda do interes- se do consumidor em procurar em um ambiente agradável a mercadoria desejada.

Na rua Sigismundo Gonçal- ves 121, inaugurar-se-á por to- do este mez a Casa Polar, que se dedicará ao ramo de calça- dos e chapéus, no que de melhor produz a industria brasileira nos artigos, por preços que es- tabelecerão uma forte concor- rencia, dispostos como se acham os componentes da firma explo- radora a baratear, vendendo com uma infima margem de lu- cro, de forma a iniciarem uma temporada de sensação favora- vel ao povo mauriciano.

A Casa Polar girará sob a firma Albuquerque & Cia., que já possui nesta cidade a conhe- cida e acreditada Casa Excelsior na rua do Livramento.

O chefe da firma, Arnaldo de Albuquerque, moço ainda, é o que os americanos chamam ge- neralmente "a self made man".

Dotado de uma energia e per- tinacia fóra do commum, ori- entado por uma visão nitida do negocio e conhecedor como pou- cos do ramo e das possibilida- des da praça, ganhou as estrel- las de general, depois de um li- geiro estagio nos postos inferio- res, em uma idade em que muitos ainda não sabem qual o modo de vida a que devem de- dicar as suas energias e vitali- dade.

Hoje é, no Recife, um dos baluartes da industria de cal- çados, e, se continuar seguindo a mesma directriz que a si mes- mo se impôz, dentro em bre- ve lapso de tempo concentrará nas suas mãos a chefia de va- rias casas do artigo, espalha- das por todos os pontos da ci- dade, onde as probabilidades do negocio se possam fazer sen- tir.

Rua Nova apresenta á firma Albuquerque & Cia., os seus pro- testos de estima e faz votos pe- lo merecido successo da ou- sa- da empreza.

A proposito da abolição

A abolição da escravatura, que a lei de 13 de maio sancionou em 88, veio destruir ou modificar um dos aspectos mais curiosos, palpantes, e — porque não diremos? — pittorescos do Recife meio arábico e meio espanhol do século XIX.

Porque os carangás, os quilombolas, os reis de Congo, os capitães do mato, os negros de libambo ao pescoço, os lumduns, os mercados de escravos, os valongos da rua da Cruz, toda essa encenação dramática da escravatura, no Brasil, desapareceu, como por encanto de sob o olhar espantado e avido dos estrangeiros.

Abertos os nossos portos ao commercio europeu, a natureza e a vida dos tropicos, como observou Oliveira Lima, eram o bastante para atrahir a romaria dos globe-trotters do Velho Mundo. E a escravidão, com toda a sua miserável sordidez, constituia, pode-se dizer, o ponto principal dos commentarios, — mais ou menos inteligentes, dos nossos curiosos visitantes. O inglês Koster, "the accurate Koster", na opinião de Richard Burton, Tollenare Mary Graham, e tantos outros estrangeiros, que andaram em Pernambuco, há cerca de cem annos atrás, decharam, em suas obras, algumas paginas admiráveis de observação e analyse. Tallenare chegou a encontrar em alguns africanos a perfeição e a plasticidade dos hellenos, e para Ferdinand Denis os mercados de escravos foram como que "la révelation d'un monde inconnue"...

Entre o orgulho indolente do indígena e a sagacidade egoistica do portuguez, o negro, submisso, humilde, pé-de-boi, foi o capitulo mais fértil e proveitoso do grande drama da civilização brasileira. Sem elle, não teriamos colonizado essa terra virgem, e de tal maneira graciosa, a qual, no dizer do escrivão da feitoria de Calecul, "querendo-se aproveitar, dar-se-á nella tudo". Introduzindo em nossa musica a monotonia das cantigas da senzala, e sobrepondo á inoculação moral dos mythos o quociente de um mestiçamento diffuso e recruzado, o negro foi um dos

maiores factores da riqueza economica do paiz. Esse contacto de elementos sadios e resistentes, com suas fabulas, com suas usanças, com sua poesia semi-barbara, não temperou somente o character nacional — attingiu o vocabulario. Dahi a profusão do enxerto thematologico: bugio, cacimba, quisilia, mulambo, maromba, calunga...

Esquecemo-la um pouco, a raça negra. E é de justiça, pois, — lembrou-o Sylvo Romero —, conquistar-lhe um lugar no processo de nossa civilização.

ESTEVÃO PINTO.

RELOGIO

(Inédito)

Relógio, nunca tive de ouro fino,
Nem de plaket a mente me recorda...
A idéa do acordar não se me acorda
Porque dormir foi sempre o meu destino.

E, se acordado, vivo ao peregrino
Sonho, que a idéa o espirito me borda,
Nunca na Vida de uma falsa corda
Eu precisei á vibração de um hymno!

Relógio, um só relógio vale a gente...
Porque marca o momento mais ligeiro,
Marcando a dor, ás vezes, mais latente.

Chamam-n'o coração nesta ardua lida...
E aí, de mim, quando um dia sem ponteiro
Meu coração parar dentro da Vida!

Do livro "Horas de Maria Rita".

PINDARO BARRETTO

VOEJANDO

(Ao espírito finamente aristocrático do Democrata H. C. festejada auctora de PUZZLE.)

Quanto é verdadeiro o enigma da Esphinge! Indecifrável, tremendo, grandioso, symbolico!...

A vida, com seu cortejo tetrico de dissabores, é um oceano de mentiras falazes. O que ontem nos pareceu bello e maravilhoso hoje se nos apresenta na sua horripilante verdade, mutilado, disforme! O que avistámos de longe, doirado e fulvo, apparece-nos transformado em poeira. Não era o oiro de nossas Esperanças!...

O que nos pareceu hontem superficie plana, indefinida, luminosa, sobre que tentávamos construir as maravilhas architectadas por nosso genio, é de perto um lago infecto onde vicejam algas...

E, a noss'alma se curva diante o ignoto, muda e apavorada, pelos multiplos contrastes que acreditavamos realidades sublimes por um daltonismo inconsciente!...

Assim em tudo:

U'a mulher que se ama, uma onda que se arrebenta nos cachopos, uma folha que o vento leva, tudo está sujeito a o mesmo principio falho da apparencia.

A verdade na vida é mentira que se volatilisa com os perfumes da Primavera. Hoje, uma mulher que se deixa, que se abandona dentro do proprio Amor... A lei, no seu inviolado prestigio, assim ordena.

Reluctando, embora, sujeitamo-nos ao seu jugo despotico, sacrificando os anseios do proprio coração! Amanhã, outra mulher que surge aureolada pelo esplendor da sua innocencia, da sua castidade...

A que se abandonou era impura, maculada, peccadora. Ouvia, sobre todos os preceitos e convenções, a voz do sangue, do instinto, da carne!... A que surge traz a candura da neve, a lindeza dos lirios...

Phantasias! Chiméras!

Descobrimos n'um momento a mesma origem, a mesma tendencia encoberta pelo continua-

do exercicio das convenções hypocritas.

E as nossas illusões cahem do alto porque lhe derreteram as azas!...

E mais uma duvida e mais uma decepção se ajuntam ao volume das nossas descrenças e derrotas humanas!...

Flavio Doria

MINHA MÃE

A alma triste de d. Idalina B. do Amaral.

*Longe de todos... Longe dos meus...
Exilado... De meu lar paterno,
O' quantas saudades, quantas Deus...
Que soffro, por esse amor eterno,
De minha mãe...*

*E recordo-me das tardes fagueiras,
Os dias felizes, que em minha terra,
Passei... Que saudades das cachoeiras
Do ceu, do rio, e d'aquellas verdes serras
E minha mãe...*

*Na vida vou scismando, sósinho
Cheio de saudades, de meus amores,
E lembranças do velho caminho
Que passei... Dos campos e das flôres...
E minha mãe...*

*Hoje, em minha velha e amiga cella,
Relembrando os dias, que passei
Junto áquella jovem... E... Aquella
Que na vida de minha infancia, amei...
E' minha mãe...*

*Em recordações, vão se passando
Os dias de minha mocidade,
A um canto da cella, chorando
As amargas saudades... Saudade...
De minha mãe...*

A. MENEZES NETTO.

Recife, 9 de Janeiro de 1925.

Prece de Saudade

A vós, filhos de São Vicente, minha terra querida, dedico esta prece de Saudade.

Noites poeticas, festivas da minha terra, noites enluzadas de maio, como eu vos recordo agora na tristeza desta noite fria, sem as flores do altar da Virgem e os hymnos suaves de uma crença toda de encantos e poesia.

Quantas saudades daquellas tardes em que o sol morrendo no poente dourava com os seus ultimos raios

"A capella na encosta a meia altura,
Ma's branca e mais alegre que um pombal".

Quando a lua, mulher valdosa, mirava-se no grande espelho do açude, do campanario evoluavam-se os sons festivos do pequeno sino, chamando os fiéis para a prece, para o culto a Santa Mãe.

E elles vinham, lindas roceiras de vestidos brancos, fortes camponeses de chapéus de carnauba, mãos cheias de flores, lindas flores para a Virgem.

Quantos sonhos formosos, encantadores sonhos de Amor, quantas illusões n'alma das gentes boas e rudes da minha terra.

Na capella toda illuminada, ellas, as doces roceiras, cheias de fé, entoavam hymnos de amor.

"Daj-nos licença, Senhora,
Para offerta vos fazer
Das flores que em Maio
Nós desejamos colher".

Encostado á porta da entrada, eu, triste sceptico, acompa-

nhava essas devoções, e sentia n'alma uma emoção estranha, como aquella que se sente quando um lenço tremula ao longe n'uma despedida saudosa, n'um adeus para sempre.

Como uma visão dourada dos tempos de creança, vejo bem, na tristeza desta noite fria, as verdes mattas dos formosos cafesaes, as lindas varzeas onde corria e brincava...

"A camisa aberta ao peito.
Pés descalços, braços nu's".

Noites festivas, enluzadas: lindas roceiras de vestido branco, encantos da minha terra, como eu vos recordo agora, na tristeza desta noite fria.

Recife, Maio de 1926.

ANTONIO MARROCOS

QUANDO A SAUDADE BATE ÁS PORTAS D'ALMA...

*Insomne e só. Triste e batido, abro a janella e scismo, vendo o luar tambem scismando no alto...
E a mente em fogo, a alma abrazada, penso n'Ella e vejo o seu perfil desenhar-se no asphalto...*

*Sorriem-me os seus olhos verde-claros,
e vejo, delirantes, me acenando
as suas mãos de marmore de Paros...*

*E enquanto, refulgentes nebulosas,
caminham pelo céu, medrosamente,
como se caminhassem sobre rosas,
suffoca-me o desejo de ainda tê-la,
de dormir no seu seio de alabastro
o somno descuidado de uma estrella...*

*Mas a miragem se desfez bem cedo,
e eu continúo insomne e amargurado,
amargurado e só, no meu degredo...*

*No entanto,
si Ella soubesse que os meus labios clamam
pelo seu beijo, que abrazava tanto...*

*Si Ella pensasse na saudade louca,
que aprofundou-se pelos meus refolhos...*

*Si Ella previsse que a minh'alma ainda espera
a volta desse amor, que é primavera,
que é primavera... — E fez-se inverno nos meus olhos...*

*Ah! si Ella advinhasse
que os meus anseios lhe serão sempre fiéis;
e que em meu peito não morreu inda a esperanza
de desfolhar a minha vida ante os seus pés...*

*Infelizmente,
(diz meu profundo e amargo dissabôr)
Ella é mulher... não sente
que abrange a eternidade o meu amor...*

ANNIBAL PORTELLA

Pernambuco e a propaganda no estrangeiro

Tendo chegado ao Recife, em missão da Fox-Film Corporation, o sr. Fernando E. Delgado que desejava filmar alguns aspectos da capital e bellezas naturaes que dêssem ao mesmo tempo uma ideia do progresso do Estado, os srs. Emile Devolle e Leon Risso, respectivamente, gerente e sub-gerente da Companhia Commercial e Maritima, a pedido da "Rua Nova" tiveram a gentileza de proporcionar ao distincto visitante um passeio a Gurjahú, para o que puzeram á disposição um automovel "Nash" e um "Ajax-Six" de que essa Companhia é representante no Recife.

Os convidados sahiram ás 8 horas da manhã da capital, em demanda do pittoresco retiro, passando pela Avenida Boa Viagem, que mereceu um caloroso encomio da parte do competente profissional cinematographico, que aproveitou a oportunidade de uma luz magni-

fica para impressionar varias dezenas de metros com retalhos da aprazivel arteria.

Chegando a Gurjahú, foi a objectiva logo posta em acção, tomando os aspectos mais bonitos da represa e das quedas d'agua, focando esse importante melhoramento do Estado de varios angulos para dar uma ideia completa do que representa o serviço de abastecimento de agua do Recife.

Logo, após, o sr. Delgado que a par das vistas que filma, indaga os detalhes necessarios á completa elucidacão da fita, visitou os filtros e no laboratorio foi informado de que a produccão diaria d'agua alcançava a 25 milhões de litros, volume esse que será augmentado brevemente para 38 milhões, quando ficar montado o novo filtro, cuja installacão já se acha quasi terminada.

Os tubos conductores do liquido alcançam uma extensão de 30 kilometros.

Voltando á cidade, foram tomados novos aspectos, da parte baixa da cidade e dos logradouros publicos, dragagem do porto, arrecifes, Palacio do Governo, Faculdade de Direito, Escola Normal, etc.

Na manhã seguinte, foi tirada a vista geral do porto e o panorama da cidade que se observa da entrada da barra, tendo os poderes competentes facilitado tudo o que se encontrava ao seu alcance no sentido de facilitar o mais possivel, tarefa do illustre "cameraman" da Fox-Film.

O sr. Fernando E. Delgado seguiu para o Rio de Janeiro a bordo do "Hilde Hugo Stinnes" a chamado urgente do director da vasta empresa.

RUA NOVA fazendo votos pela feliz viagem do competente artista, agradece a todos que por seu intermedio se prestaram a coadjuvar o auxiliar da Fox-Film na realisacão do seu objectivo.

Os Touros choram

Eu não conheço o escriptor Pierre Devoluy; dizem-me aqui, entretanto, que a sua prosa é agradável e as suas observações da vida e das coisas perspicazes e justas.

O que sei comtudo, é que, no "Eclaircur de Nice", Pierre Devoluy affirmou—que os touros choram.

"O poeta Mistral e o pintor Burnand—escreve elle—viram touros chorar."

Onde ?

"Junto ao tumulto de uma vacca !"

"Foi o proprio Mistral que m'o disse. Os touros rodeavam o tumulto, aos berros longos, lugubres. Alguns baixavam a cabeça, cheirando o solo ; outros escafavam a terra com as patas dianteiras. E eu vi que dos olhos grandes lhes corriam grossas lagrimas..."

Simples brincadeira do poeta de "Mireille" ?...

Não sei. A questão parece-me, porém, interessante. Até agora além do homem, só se co-

nheciam dois animaes que chorassem: o macaco e o carneiro, sendo que o pranto deste ultimo é, ao que se suppõe, devido apenas, mechanicamente, aos espasmos da agonía, no momento supremo da morte.

Como no Brasil a população bovina é, numericamente, igual á humana, nenhum paiz está mais preparado do que o nosso para esclarecer o assumpto.

A palavra pertence aos estancieiros do Rio Grande do Sul e aos vaqueanos do norte.



Vista do rio Capibaribe, que separa os quarteiros de Boa Vista e Santo Antonio

A FALLENÇIA DA BRASILEIRIA

Quando o Brasil amanhecia nas suas regiões férteis, caudalosos rios, florestas fecundas, iluminando o esplendor da sua natureza safara um índio se puz no cocôras, sobre um rochedo, a meditar no seu destino.

Accendeu a "maconha" do cachimbo e começou a adiar a sua terra.

Os espíritos da floresta murmuravam, em vozes súbitas, ao brando redopiar do vento. As aves, canoras, enchiam com as suas azas e as suas cavatinas, o ambiente morno onde o índio meditava.

Subito, num balseado estava o ruído secco, o susurro apressado de um passo que se aproxima.

— Quem és tu, ó estrangeiro, que vens quebrar o soco de um filho da floresta?

— Sou a aventura; sou o homem branco. Venho de almar em busca de ouro. Ando a descobrir continentes possessões onde o meu poder seja absoluto e a minha intelligencia sobrepuje a dos nativos.

— Que trazes para esse direito de posse, ó estrangeiro?

— A palavra do fogo, o espirito dynamico do cosmo encadellado numa espingarda.

— Pois bem. Toma conta do

meu paiz. Semela a terra Colónisa-a. Torna-a immensa grande, a minha grande patria.

E o elemento branco constituiu familia. As colonias floresceram em raças hybridas. Os troncos communs favorecem tanto a manutenção da especie que, em breve tempo, a nação selvagem, inculta, se tornou um paiz fecundo, cheio de caboclinhos mestiçados de lusitanismo.

O elemento nativo com a preponderancia do mais forte, que é, sem duvida, o elemento branco, foi perdendo, na linha caracteristica da especie, os fundamentos nativos, os pendores natos, o seu valor guerreiro, o senso da nataliciedade, que é o sentimento patriotico na sua mais bella expressão.

O caboclo, selvagem, foi desaparecendo, desaparecendo ao florescimento da sub-raça de uns caboclinhos mestiçados!...

As tabas desapareceram e abriram logar aos aldeamentos coloniales. E os homens brancos foram tomando conta do paiz de uma terra, que sendo de outros e não sua, perdia, por circumstancias occasionaes, o sentido primacial de uma outra raça que, fatalmente, no outro crepusculo de vida, surgiria mais forte de si mesma, nas

energias ocultas da patria, de seu paiz selvagem, com os seus cocôras, as suas frechas empenachadas, os seus collares e diademas de diamantes rudes.

E o paiz seria grande no cuidado de seus proprios filhos.

Mas, o elemento branco, pelo contraste que favorece a aproximação das cousas, houve por mal trazer para as nossas plagas, afim de enxertal-as no tronco de nessa arvore genealogica, umas flores exoticas da Nubia e da Abyssinia. E parte da Africa Central e Equatorial obteve o seu successo romantico e amoroso dentro da sub-raça de caboclinhos mestiçados! Os brancos escravizavam os negros e possuíam-nos, depois. Algumas foram tomadas como esposas; outras, viviam em indecorosa manancia com os seus amantes e senhores.

E agora os molequinhas mestiçados começaram a surgir. O elemento indio não era mais ninguém. A mescla era do branco na sub-raça hedionda.

E, quando, com a sua barba a Kruger, surgiu, na corte central do Imperio a figura serena do conselheiro Eusebio de Queiroz Mattoso Camera prohibindo a traficança dos escravos, no Brasil, já em todo o territorio

nacional haviam construído pilloças os negros **monjãos, quilóas, benguelas, angolas, cabindas, congos, minas** e os nativos de Moçambique. Os caracteres predominantes nesses typos, como é sabido, formam uma, como se vê, eracão victoriosa na espécie... Os productos das negras **mcogela e mina**, até ás mais interessantes, associaram-se na construcção de uma raça nov-latina...

E o indio, que meditava em silencio, havia morrido na reminiscencia dos seculos, na sua passividade animal, deixando apenas, de herança vital, um relevo indelével, na formação dos caracteres multiplos da raça.

A covardia dos negros, deante do feitiço, do **to rível**, a perseguillo, creou em nós, mulatos pretenciosos, o terror do desconhecido, o medo, o pavor supersticioso. E com a escravatura do individuo surgiu a escravidão do pensamento.

O tino commercial de enganar o parceiro; a supposta grandezza; a opulencia molambenta, que é a megalomania dos fracos, a hypocrisia diplomatica, subtil, maneirosa, revelada nas menores cousas da vida, são qualidades de uso do homem branco e pelas quaes o mulato pretencioso se orienta para vencer.

Então desapareceu o indio brasileiro. A coragem e o valor; a intelligencia cosmica, a intelligencia bruta, dynamisada, que lhe ensinara a natureza no despenhar de suas cascatas, no rolar das pedras pelos abyssos; nos relampagos abatendo as arvores secuáres; nos rios, caudalosos, gemendo de furia, es-carvando nas ribanceiras aneloso de expansão, tudo isso que forma o caracter fundamental do dynamismo cosmico, lo movimento opportunamente descredeado nas cousas, o indio brasileiro havia, de certo, aprendido para a grande hora, quando o homem se faz necessario,

serenamente de pé, deante dos desesperos da creação.

Mas, o indio brasileiro morreu. Ficou, por ahí, petulante e gamenha, toda essa bastardia de cabelleira encebada, muatinhas pretenciosas que como as negras, usam pingentes nas orelhas e tatuam os belços e sonham emancipar-se sem nenhuma cultura ou relativo saber que a possa encaminhar nos graves encargos e pesadas responsabilidades que uma mulher só e emancipada encontra, a cada passo, dentro do mundo e na sociedade, que si a não aceita com indifferença faz em torno de sua vida livre o mais torpe dos commentarios.

... mesmo gosto nós, brasileiros, falarmos no Brasil, pois somos tão felizes na patria que nem brasileiros somos! Surgimos, como uma flor de esturme, de uma argamassa de raças, cansadas de aventureiros amores, de filhos espurios por esse mundo em fóra.

Vem dahi a necessidade, até á inadivél, de crear-se um imposto de brasilidade, afim de reintegrar o principio de brasilidade, não na sensibilidade nacional, porque esse não existe; mas, na desnacionalização de no sa nacionalidade em proveito do abrasilamento do Brasil.

Esdras-Farias

A MINHA INUTIL CRUZADA

Ao Lucilo Varejão,

*"Vce, sé forte, a brandir o gladio, a espada santa,
romeiro e campeador, num esforço tenaz,
mostra o immenso poder que de ti se levanta,
e gloria, oiro e mulher, tudo aos teus pés terás!"*

*Armei-me a cavalleiro, em pelejas constantes
luctei, cheio de Fé, que intrapido me fez;
mas, em breve, era só, que cos golpes dos montantes
vi cahido o corcél e espedaçado o arnez!*

*Peregrino do sonho, eu, de alforge e alpercata,
de cidade em cidade errei numa exhaustão;
já não mais retinie as esporas de prata...
apenas a echoar nas pedras um bordão!*

*Fui, depois, menestrel pelas noites algentes...
Quantas vezes parava, a soffrer e a cantar
doces trovas gentis e balladas dolentes,
no adro augusto, amplo e heril, de um estranho solar...*

*E de que me serviu cuidar de porta em porta?
Recolhi-me, isolei-me. E eis a meu galardão:
O cadaver de um sonho — uma saudade morta —
na calma lumillar de minha solidão.*

*Ah! Quanto esforço vão. Como a vida é irrisoria...
Fui nômade, tropeiro, asceta e espadachim,
mas não pude alcançar a tão simples victoria
de conseguir beijar certas mãos de merfim!...*

Timbaúba,

BALTHAZAR DE OLIVEIRA.

M A I O

Maio! mez das flores e das virgens. E só assim sendo o mez das flores e das virgens é que poderia ser consagrado a Maria Santíssima, pura e santa como os lyrios e como as rosas.

E agora que começamos as nossas orações, as nossas preces á Mãe de Jesus — o Cordeiro da Galliléa, nossas almas devem estar cheias de uma alegria muito real e muito boa; é o contentamento motivado pelo dever que cumprimos de christãos sinceros, de christãos que almejam galgar o Céu onde poderão sentir toda a infinita bondade, todo a infinito poder de

um Deus poderoso e bom.

Maria! é a maior de todas as nossas crenças!

Maria! é a rosa perfumada no jardim da nossa vida cheia de dores de Christo nosso redemptor, morto n'uma cruz para salvar a humanidade cheia de peccados e de miseria!

Maria! é a mais bella e a mais sacrosanta das filhas de Jerusalem — cidade onde soffreu o seu filho querido!

Maria! é a mais digna de todas as nossas Orações!

Maria! é a nossa fé, cantando atravez dos seculos para mostrar ao mundo, que, a unica

religião verdadeira foi e é a propagada pelos doze apóstolos bmdictos!

Maria! é a nossa mãe Augusta e eterna que protege todos os infelizes, todos os que padecem e gemem rasgando os pés nos espinhos de que está cheio o caminho da vida!

Assim celebremos de um modo brilhante o mez consagrado á Mãe de Jesus e Mãe dos peccadores.

Francisca Pereira

Jussaral Maio de 1926.

A mensagem do prefeito

Está digna de attenção, a recente mensagem que o sr. coronel Alfredo Osorio leu, perante o Concelho Municipal, na abertura da 2.ª sessão ordinaria, de 13 do corrente.

As mensagens são especies de relatorios, em que os administradores publicos, expõem a situação do que está sob a sua vigilância e guarda.

Documento ligeiro, mas conciso, a mensagem do sr. prefeito do Recife, revela um grande espirito, cheio de uma vontade realizadora, ao par de mui pronunciado entendimento sobre as obrigações da Prefeitura. Assim é que, dando cumprimento aos dispositivos da lei n. 1.500 de 26 de novembro ultimo, já fez recolher ao Banco do Recife, a elevada somma de 227:721\$048, destinada ao pagamento de coupons vencidos na passada administração do **Emprestimo Patriótico**.

Essa attitude digna de applausos, traz em consequencia a valorisação das apolices patrioticas, que ascendem a 8.000 contos, reanimando os possuidores. Mais ainda. Em 30 do mez findo, foi remetida para Londres, a quantia de 395:840\$700, correspondente a lb. 9.000 do emprestimo de lb. 400.000.

Mas, não finda nesses acertos administrativos, a obra do sr. coronel Alfredo Osorio, nesse ultimo trimestre. A Prefeitura tem feito serviços de calçamento, de galerias de aguas pluvias,

cuidando, ainda, com especial carinho, da arborisação da cidade e conservação das estradas.

A situação financeira da Prefeitura do Recife, pode-se dizer — é prospera. Os juros dos emprestimos em dia, o funcionalismo também em dia, varias obras em andamento, attestam de maneira frisante, a esclarecida conducta do governo municipal.

Examinada a receita e a despesa, durante o trimestre de ja-

neiro a março de que trata a mensagem, verifica-se um saldo de 716:142\$679, em favor do Thezouro Municipal.

E sem os reclamos bombasticos e as valdades pretenciosas, vae o sr. coronel Alfredo Osorio, realizando um programma de iniciativas uteis, possuido da mais franca sinceridade e firme decisão, concertando malfeitorias e attendendo o quanto possivel ás necessidades publicas.

O CAPIBARIBE

*Debruço-me no caes e vejo agora o rio
Como fino crystal em rigida moldura,
Reflectindo lá dentro esse espaço vazio
Onde vejo atravez o mundo em minialtura.*

*Esse é o Capibaribe, espelho luzidio
Onde tudo revejo em mystica ventura:
— Céos profundos azues, como ninguem os viu,
— Nuvens bordando os céos num plagio de pintura.*

*Meu scismatico olhar á superficie vago,
Equiparo-me então á cegonha no lago
Debruçada a mirar seu perfil solitario.*

*E tenho a sensação de ter pisado o extremo
Da borda de um abysmo em que me fito e tremo
Sob a feição moral de meu proprio fadario.*

ERNESTO DE ALBUQUERQUE

tholica; por isso, a revolução a combateu. Acolhida nos salões legitimistas, continúa a merecer a veneração dos príncipes e dos senhores.

Eu não conheço flor mais senhoril do que o lyrio, mais cheia de suggestões pelo symbolismo e pela historia.

Enlaçou-se na arte bysantina e perfumou o estylo gothico; sabe historias de imperatrizes mysteriosas, lendas de cavalleiros feudaes, amores de tropeiros, magoas de infanta...

A tulipa real é ardente como uma dogariza; caprichosa a orchidea; flamejante o cactus; de uma belleza sadia a rosa; ingenua a violeta; romantico o chrysantho de longa cabelleira bohemica; petulante o cravo, mas a todas falta a linha aristocratica do lyrio, a flor da realeza, da Virgem, dos santos e dos fidalgos.

MARIO DE ALBUQUERQUE.

Quantos automoveis existem em Recife?

As estatisticas têm sido e continuam sendo um meio pelo qual se constata o progresso e desenvolvimento de uma cidade.

Recife, por exemplo, é tida, com muita razão, como uma das cidades do norte da Republica, mais adeantada, sob todos os pontos de vista.

E são as estatisticas que assim o dizem.

Agora, acabamos de organizar uma interessante enquete, afim de apurar quantos automoveis existem em Recife, demonstrando assim o seu constante desenvolvimento.

Estão registrados 1.431 automoveis, de diversas marcas, vindo em 1.º logar a Ford, com 777 carros; seguindo-se o Studbacker com 74; Chevrolet com 69; Essex com 67; Hudson com 65; Dodge com 49; Overland com 44; Buick com 32; Wills Night com 27; Renault com 19; Chandler com 18; Ring

com 12; Fiat com 10; Oldsmobile com 9; Sterling com 8; Cleveland, Paige, N. A. G. e Rosmer com 7 cada uma; Sauner e Hupsmobill com 5; Austin e Nash com 4 cada uma; Adler, Chrysler, Gray, Italo, Maxwell e Oakland com 3 cada uma; Ajax-Six, Aresson, Berliet, Clammers, Finuck, Gorsord, Lancia, Moon, Packard, Coeé, Scrick Books e Wichita com 2 cada uma; Acason, Amílcar, Argylt, Waest Lalet, Bronlot, Bethlém, Benze, Berna, Briccoys, Cläfen, Elgine, Daniels, Fultan, Guy, Gandy-City, Jewelt, Lincoln, Italiano Santi, Motolloc, Noeks, Minerva, Morris Cowley, MI-

cheum, Monitor, National Norma, Panhard Levassor, Perteson, Pilot, Republic, Sisairi, Setraem, Salse, Vogna, Vosnago, Woods Mobillet e Walsord, com um cada uma.

Como se vê, é uma interessante estatistica, por onde mais uma vez se constata o progresso sempre crescente de nossa capital.

E tudo isso não é senão consequencia dos grandes empreendimentos levados a effeito pelo actual governo, que vem dotando o Recife de todos os melhoramentos a que tem direito, pela sua posição na carta geographica do paiz.

POEMAS INCREDULOS

*Meu espirito. Pobre espirito de ascêta
que apparenta viver n'um puritano sonho...
meu espirito tristonho!
pobre espirito de poeta!*

*Nelle vive hermeticamente enclausurada
n'uma intenção de perfida maldade,
torturando-o,
envenenando-o,
a serpe envenenada
da incredulidade.*

*E no entanto
na minha imaginação idealista que é,
deviam palpitar os fremitos da fé.*

*Nos versos que decanto
poesia unicamente uma pseudo-crença,
e essa crença mentirosa que ao meu verso irmano
vive em desavença
com meu espirito descrente de profano!...*

*Pobre espirito de ascêta,
paradoxal,
que não devia ser de poeta
sentimental
pacífico e frenético,
descrente e phantazista,
meu espirito esphingetico!
meu espirito de artista!*

JOSE' DE AZEVEDO.

Pinto de Almeida & Cia.

Av. Marquez de Olinda, 222—(1º andar)

Representações e conta propria

Madeiras do Pará e Amazonas

Stock permanente de artigos de electricidade, ferragens e madeiras

End. teleg. ALMOTA—Teleph., 1907—Caixa Postal 285

Proprietarios de Ceramica Industrial do Cabo — PERNAMBUCO

*Fabrica de canos de barro para saneamento,
tijollos refractarios e material sanitario*

RECIFE

Pernambuco

V. Excellencia vai comprar CALÇADOS?

Economise tempo e dinheiro

VISITE a

CASA AYRES

DE

Ayres dos Reis & Cia.

e compare os seus preços que são 20 o/o mais baratos

do que nas casas congeneres

Rua do Livramento n. 71

VIDA HUMORISTICA

ALMA SERTANEJA

Nequinho: Estou mas mió da minha malicúmia.

Agora só tá pió a sodade, todo dia. Só é quando tu me inscreve que eu sinto alguma alegria.

Pois aqui tudo é tão triste que eu num sei te dizê Rosinha já num resiste andá longe de você Avia com os teus negoço; fai geito de vim me vê.

Oia, aqui nada ai de novo. Nada de novo ai pru cá, somente os fuá dos povo prumode o inverno chegá. O aguêro nas grota é tanta que as marreca anda a gritá.

O açude de Tio Pêdo se estourou-se o cabecêro, e os povo correu com medo, pru via dos aquaçero, se estragou-se a prantação prantada pulos acêro

O Perfeito enviou gente, um povaréo p'ra o tapá, pois o açude da Vertente la quaji se acabá! relampo relampiendo e o trovão a trovejá!

Rafaé, lá da Purtera (coitado do pobresinho!) correu logo nas carrêra p'ra tua casa, Nequinho, vei avizá que afogou-se **Mimoso** teu nuvilho!

Só fartava tu aqui p'ra vê essa atrapalada, mesmo esses povo sem ti num sabe fazê é nada, fica tudo intrapalado que só os boi na malada.

Juca Matto velo cá e vortou pro seu sertão, pr'a lá pr'a Tãperoa

com as caiga de requêjão vendendo queijo nas fêra atraí de ganhá o pão.

Os outos, tambem, vortaro desse Rucife de aimada e pru arto me faláro de uma tá mulé barbada. Essa mulé qué sê home... Se ella arranjà... tá ficada.

Porem, tu vorta ou te esquece de quem só vê tu, na vida? Mas quem ama não merece vivê, assim, esquecida Tu sois o premêro nôrvo que a norva traí inludida!

Pur aqui as laranja já se cubriu de fulô. Parece inté brincadêra o tempo que se passou!

Adeus da tua esquecida

Rosinha a Mané Fulô



O DOENTE E O MEDICO

(Chapelle, 1626-1586)

— Venha já, doutor, que o doente
 Vezes sem conta o chamou
 Minado por febre ardente,
 Repete constantemente
 Que quer morrer!
 — Eu lá vou!



UM ELEGANTE NO CE'O

— Quem bate ahi?
 — Sou eu, São Pedro.
 — Vem vestido com roupa taobinha?
 — Venho, sim, senhor.
 — Passe ao largo, que aqui é logar de res-
 peito.

ROBERTO DO DIABO

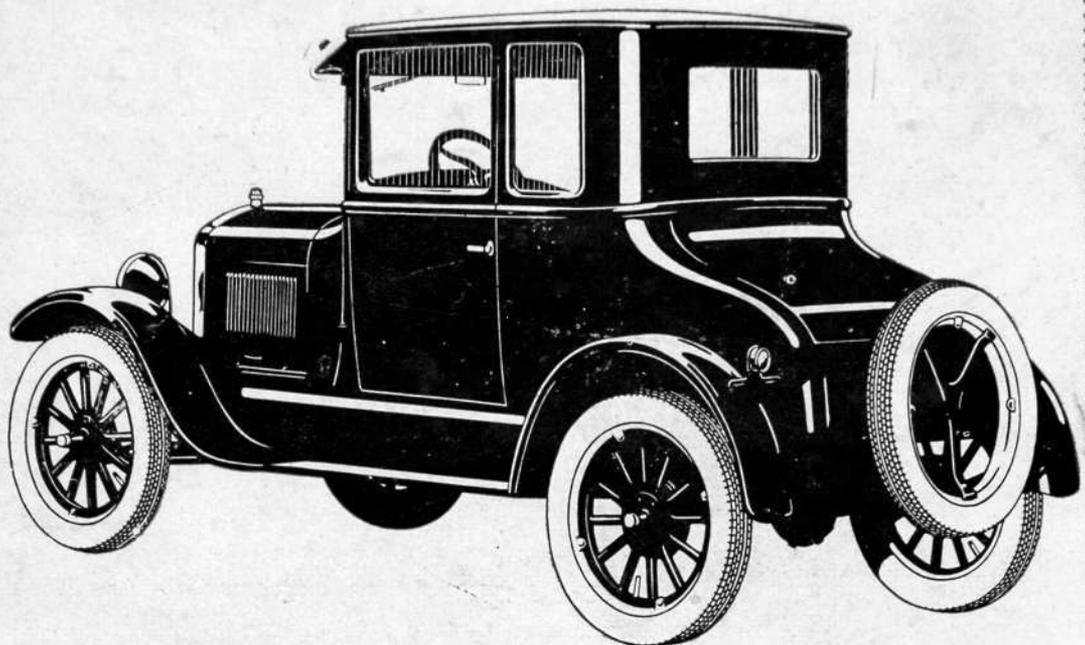
O maior acontecimento de
M A I O
em Recife, será a
abertura da

CASA POLAR

O arbitro da elegancia
masculina em

Calçados e Chapéos

Rua Sigismundo Gonçalves n. 121



COUPELET FORD

(7:050\$000)

POSTO RECIFE

Evidentemente o carro mais chic, mais confortavel, de linhas mais elegantes e o mais barato e economico d'entre todos os carros de seu typo, no mundo inteiro.

E' o carro ideal para medicos, engenheiros, corretores, commerciantes, senhoras.

Procure o agente Ford authorisado mais proximo e indague das condições de venda pelo Piano Ford.

Ford Motor Company of Brazil